



ANO 5 | Nº 6 | JUN 2022

A OUTRA ESCALA

Sobre o Ciclo Temático
Orientador 2021



EXPEDIENTE

REITOR

Ir. Rogério Renato Mateucci

VICE-REITOR

Vidal Martins

PRÓ-REITOR DE MISSÃO, IDENTIDADE E EXTENSÃO

Fabiano Incerti

DIRETOR DE IDENTIDADE INSTITUCIONAL E DO INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ PUCPR

Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla

GERENTE DE IDENTIDADE INSTITUCIONAL DA PUCPR

Diogo Marangon Pessotto

ESPECIALISTA DO INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ PUCPR

Douglas Borges Candido

EDIÇÃO DOS TEXTOS

Douglas Borges Candido

Ricardo Pereira Alves do Nascimento

REVISÃO DOS TEXTOS

Douglas Borges Candido

Ricardo Pereira Alves do Nascimento

REVISÃO ORTOGRÁFICA

PUC Idiomas

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Doma Design

O Dossiê é uma publicação anual do

Instituto Ciência e Fé PUCPR

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prado Velho - Curitiba - PR

identidade.pucpr.br

EDITORA PUCPRESS

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prado Velho - Curitiba - PR

TIRAGEM

1000 unidades

Curitiba, 20 de junho de 2022

APRESENTAÇÃO

O Instituto Ciência e Fé (ICF) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) nasceu em 2010 com a missão de promover espaços qualificados para o diálogo entre ciência, fé e cultura numa perspectiva humano-cristã.

Atento aos desafios socioculturais contemporâneos, o ICF busca aproximar pessoas das mais diferentes áreas do conhecimento no intuito de refletir, questionar e propor novos olhares sobre as grandes questões que afligem os homens e as mulheres de nosso tempo.

Editorial

Certa vez alguém disse que para fazer Deus rir, basta contar-lhe sobre seus planos. Também, puderam – temos a racionalidade limitada e nossa capacidade de previsão, ou seja, o futuro que vamos encarar, passa pelo filtro dos nossos desejos, dos nossos interesses, do que conhecemos, das informações que temos disponíveis.

A graça, talvez, esteja justamente que para além do futuro desejado, há o futuro provável, que ascende ao futuro plausível, que por sua vez descansa nas infinitas formas do futuro possível. Nesse sentido, compreendemos que apesar de todos os nossos modelos, métodos, estratégias de previsibilidade, de controle e tudo o que o valha, nós sim, vivemos no ambiente das possibilidades amplas, incontroláveis e dinâmicas.

As ações do Instituto organizam-se em três eixos:

1. Pesquisa

Investigação, difusão e publicação qualificada de conteúdo.

2. Comunicação

Organização e disponibilização de bibliografias, entrevistas e resultados de pesquisas.

3. Formação

Realização de eventos específicos, como cursos, congressos, seminários, estudos e mesas-redondas.

Por isso, Deus ri ao ouvir nossos planos de futuro, uma vez que Ele se faz presente, no presente, no detalhe, na trivialidade, no sorriso, na dor, na interação, no agora.

Que esta leitura nos provoque às sutilezas do real, daquilo que se faz presente mesmo se ainda não o reconhecemos.

Desejo a todos uma boa leitura!

KHALIL GIBRAN
MARTINS ZERAIAK ABDALLA

Diretor do Instituto Ciência e Fé PUCPR

PALAVRA DO PRÓ-REITOR DE MISSÃO, IDENTIDADE E EXTENSÃO

As páginas deste dossiê estão dedicadas, como acontece todos os anos, a oferecer algumas interpretações do tempo em que vivemos. Tal esforço nunca é em vão, até porque seria ingenuidade acharmos que nosso agir no mundo dispensa a reflexão. Talvez seja mais correto afirmar que toda reflexão já é, em si, uma ação, pois exige de cada um de nós aplicar energia em movimentos interiores, que não raro, transformam nossa forma de compreender a realidade e, conseqüentemente, de interagir com ela. Nesse sentido, ler e pensar são exercícios fundamentais, primeiro porque nos tornam pessoas melhores – mais sábias, mais conhecedoras, mais sensíveis – e, depois, porque nos ajudam a tomar decisões melhores, em especial, sobre nossa existência como membros de uma comunidade humana e sobre o como nos relacionamos com ela e com o planeta que habitamos.

Nesse sentido, o convite que nos faz este Dossiê com seus textos, poesias, canções e imagens é que nos transformemos. Mas, está enganado quem acredita que a mudança é algo que se encaixa perfeitamente em nossas vidas, sem beiradas, margens ou arestas. Pelo contrário, ela vem acompanhada do sentimento de estar em curso; de deslocar-se para um lugar no qual a perspectiva é diferente desta que está disponível. E isso não é algo trivial! Exige o compromisso de se colocar num estado de reflexão-ação que é, antes de tudo, o de alargar-se a si próprio, permanecendo aberto à possibilidade de que o próximo livro ou Dossiê que eu ler ou a próxima pessoa que eu encontrar, possui a oportunidade maravilhosa de mudar a minha vida.

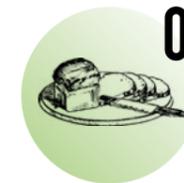
Por isso mesmo, não obstante, há urgência de modificarmos o status quo político, econômico, social e ambiental; é necessário que modifiquemos a nós mesmos. Que a leitura, a reflexão e a ação nascidas do contato com esse Dossiê nos ofereçam os motivos suficientes para sermos outros, em busca de uma ética outra e de um mundo outro!

Boa leitura!

FABIANO INCERTI

Pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão PUCPR

ÍNDICE



04

A FOME É UM ESCÂNDALO

Papa Francisco



08

A TERRA FALA: ANCESTRALIDADE, ETNIA E (DE)COLONIALISMO

Eliane Potiguara



16

AMAZÔNIA AZUL E A DÉCADA OCEÂNICA

Bruno Libardoni



24

A TELEVISUALIZAÇÃO DE NOSSAS VIDAS

François Jost



28

A VIDA E SEUS MISTÉRIOS: A PANDEMIA E OS RITUAIS DE DESPEDIDA

Aroldo Escudeiro



34

NET-ATIVISMO: DO MITO TRADICIONAL À CIBERCULTURA PÓS-MODERNA

Michel Maffesoli



46

EDUCAR PARA RECOMPOR O PACTO EDUCATIVO

Papa Francisco



A SOPA DE OSSOS

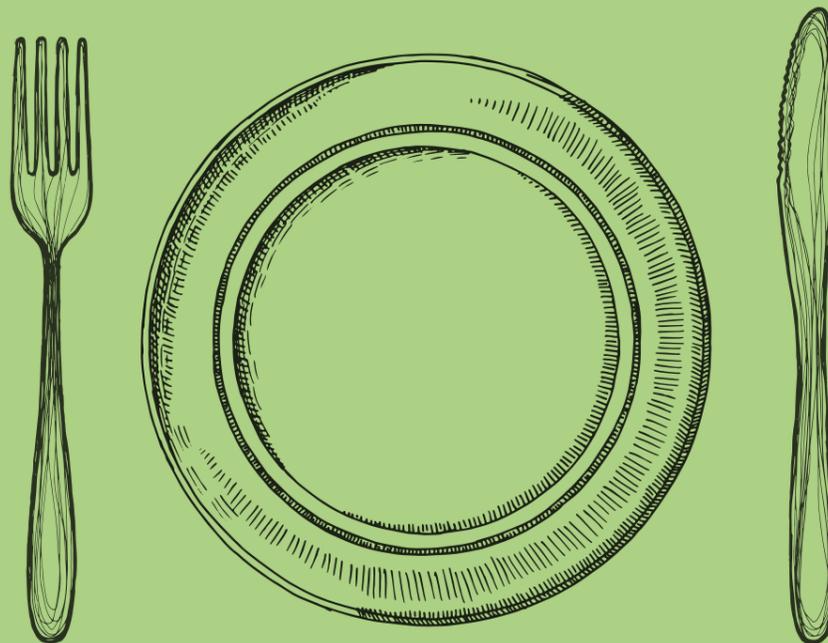


Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo

Com o agravamento da pandemia, o cenário econômico brasileiro – que já não era nada favorável aos pobres – tornou-se insuportável. Assistimos, desacreditados, a situação de várias comunidades que recorreram aos caminhões de ossos para ter algo na panela. Isso, que poderíamos acreditar ser uma catástrofe social ocasionada pela pandemia, tem suas raízes profundas e de longa data no Brasil.

Carolina Maria de Jesus foi uma embaixadora em denunciar esse tipo de situação nos contextos precários das favelas e zonas periféricas das cidades brasileiras. Sua obra “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, deixa claro isso já há mais de seis décadas.

“ 21 de junho de 1958 -
(...) Passei no Frigorífico,
ganhei uns ossos. ”



(Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª.ed. São Paulo: Ática, pp. 66).

A FOME É UM ESCÂNDALO¹

Esta é uma mensagem do Papa Francisco enviada ao secretário-geral da ONU, António Guterres, e aos participantes da Pré-Cúpula sobre Sistemas Alimentares, organizada pela Organização das Nações Unidas, em Roma, de 26 a 28 de julho de 2021.

Eis o texto editado e traduzido para o Dossiê.

¹ O texto encontra-se completo no link:
<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2021/07/26/system.html>

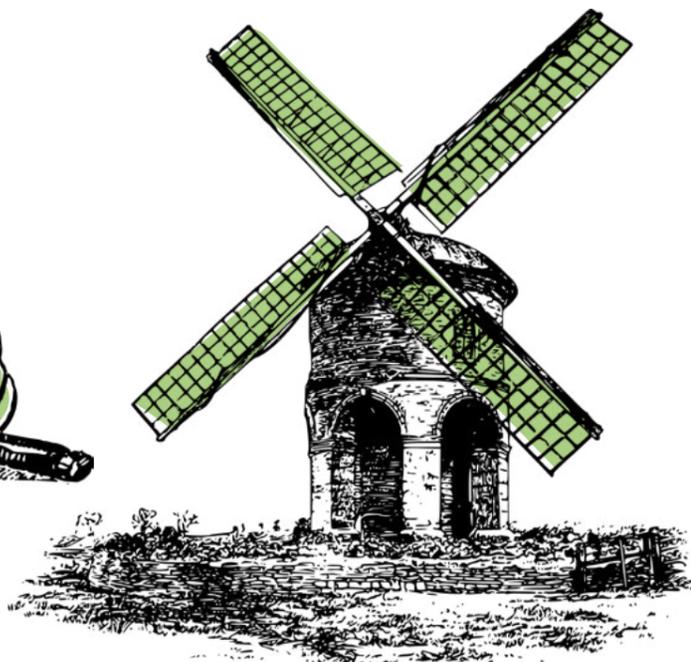
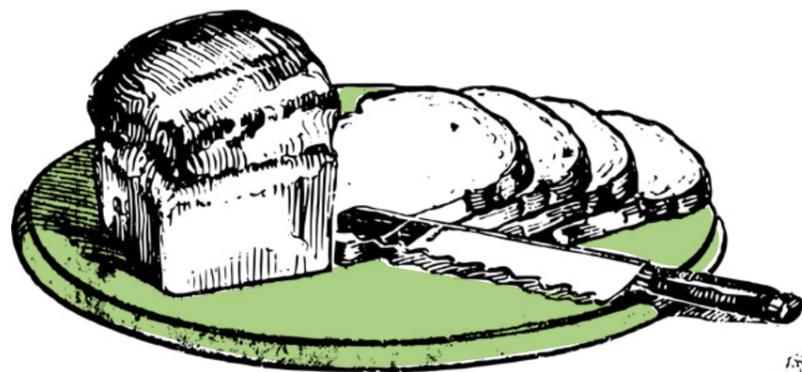
Esta pandemia nos confrontou com as injustiças sistêmicas que minam nossa unidade como família humana. Nossos irmãos e irmãs mais pobres, e a Terra, nossa Casa Comum que “clama pelo dano que provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus colocou nela”², exigem uma mudança radical.

Desenvolvemos novas tecnologias com as quais podemos aumentar a capacidade do planeta para dar frutos e, no entanto, continuamos explorando a natureza até o ponto de a esterilizar³, ampliando assim não somente desertos externos, mas também desertos espirituais internos⁴. Produzimos alimentos suficientes para todas as pessoas, mas muitas ficam sem o seu pão de cada dia. Isto “constitui um verdadeiro escândalo”⁵, um crime que viola direitos humanos básicos. Portanto, é um dever de todos erradicar esta injustiça por meio de ações concretas e boas práticas, e através de políticas locais e internacionais audaciosas.

Nesta perspectiva, desempenha um papel importante a transformação cuidadosa e correta dos sistemas alimentares, que deve estar orientada para que sejam capazes de aumentar a resiliência, fortalecer as economias locais, melhorar a nutrição, reduzir o desperdício de alimentos, oferecer dietas saudáveis, acessíveis para todos, ser ambientalmente sustentável e respeitosa com as culturas locais.

Se queremos garantir o direito fundamental a um nível de vida adequado⁷ e cumprir nossos compromissos para alcançar o objetivo da Fome Zero⁸, não basta produzir alimentos. É necessário uma nova mentalidade e um novo enfoque integral⁹ e esboçar sistemas alimentares que protejam a Terra e mantenham a dignidade da pessoa humana no centro, que garantam alimentos suficientes, a nível mundial, e promovam o trabalho digno, a nível local, e que alimentem o mundo hoje, sem comprometer o futuro.

É essencial recuperar a centralidade do setor rural, do qual depende a satisfação de muitas necessidades humanas básicas, e é urgente que o setor agropecuário recupere um papel prioritário no processo de tomada de decisões políticas e econômicas, orientadas a delinear o marco do processo de “reinício” pós-pandemia que está sendo construído.



Neste processo, os pequenos agricultores e as famílias agrícolas devem ser considerados atores privilegiados. Seus conhecimentos tradicionais não devem ser esquecidos ou ignorados, ao passo que sua participação direta lhes permite compreender melhor suas prioridades e necessidades reais. É importante facilitar o acesso dos pequenos agricultores e da agricultura familiar aos serviços necessários para a produção, comercialização e uso dos recursos agrícolas.

A família é um componente essencial dos sistemas alimentares, porque na família “se aprende a desfrutar do fruto da terra sem abusar dele e são descobertas as melhores ferramentas para difundir estilos de vida respeitosos ao bem pessoal e coletivo”¹⁰. Este reconhecimento deve ser acompanhado de políticas e iniciativas que satisfaçam plenamente as necessidades das mulheres rurais, fomentem o emprego dos jovens e melhorem o trabalho dos agricultores nas zonas mais pobres e remotas.

Somos conscientes de que os interesses econômicos individuais, fechados e conflitivos – mas poderosos –¹¹, nos impedem de traçar um sistema alimentar que responda aos valores do Bem Comum, à solidariedade e à “cultura do encontro”. Se queremos manter um multilateralismo frutífero¹² e um sistema alimentar baseado na responsabilidade, a justiça, a paz e a unidade da família humana são primordiais¹³.

A crise que enfrentamos atualmente é, na realidade, uma oportunidade única para estabelecer diálogos autênticos, audaciosos e corajosos¹⁴, abordando as raízes de nosso sistema alimentar injusto.

(...) temos a responsabilidade de realizar o sonho de um mundo onde o pão, a água, os remédios e o trabalho emanem em abundância e cheguem primeiro aos mais necessitados. A Santa Sé e a Igreja Católica se colocarão a serviço deste nobre fim oferecendo sua contribuição, unindo forças e vontades, ações e sábias decisões.

“*Peço a Deus que ninguém fique para trás, que toda pessoa possa atender às suas necessidades básicas.*”

Vaticano, 26 de julho de 2021.



² Papa Francisco, 2015, Laudato Si' – Sobre o Cuidado de Nossa Casa Comum, 2

³ Cf. Paulo VI, 1971, Octogesima Adveniens, 21.

⁴ Bento XVI, 2005, Homilia no solene início do ministério petrino, 710.

⁵ Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social, 189.

⁶ Cf. Papa Francisco, 2017, Mensagem do Santo Padre Francisco aos Participantes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)

⁷ Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, 1948, A Declaração Universal de Direitos Humanos.

⁸ Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, 2015, Transformar nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

⁹ Papa Francisco, 2019, Mensagem do Santo Padre Francisco para a Jornada Mundial da Alimentação 2019.

¹⁰ Papa Francisco, 2019, Mensagem do Santo Padre Francisco para a Jornada Mundial da Alimentação 2019.

¹¹ Cf. Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social, 12, 16, 29, 45, 52.

¹² Cf. Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social, 174.

¹³ Papa Francisco, 2015, Vídeo-Mensagem do Santo Padre Francisco por ocasião da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas.

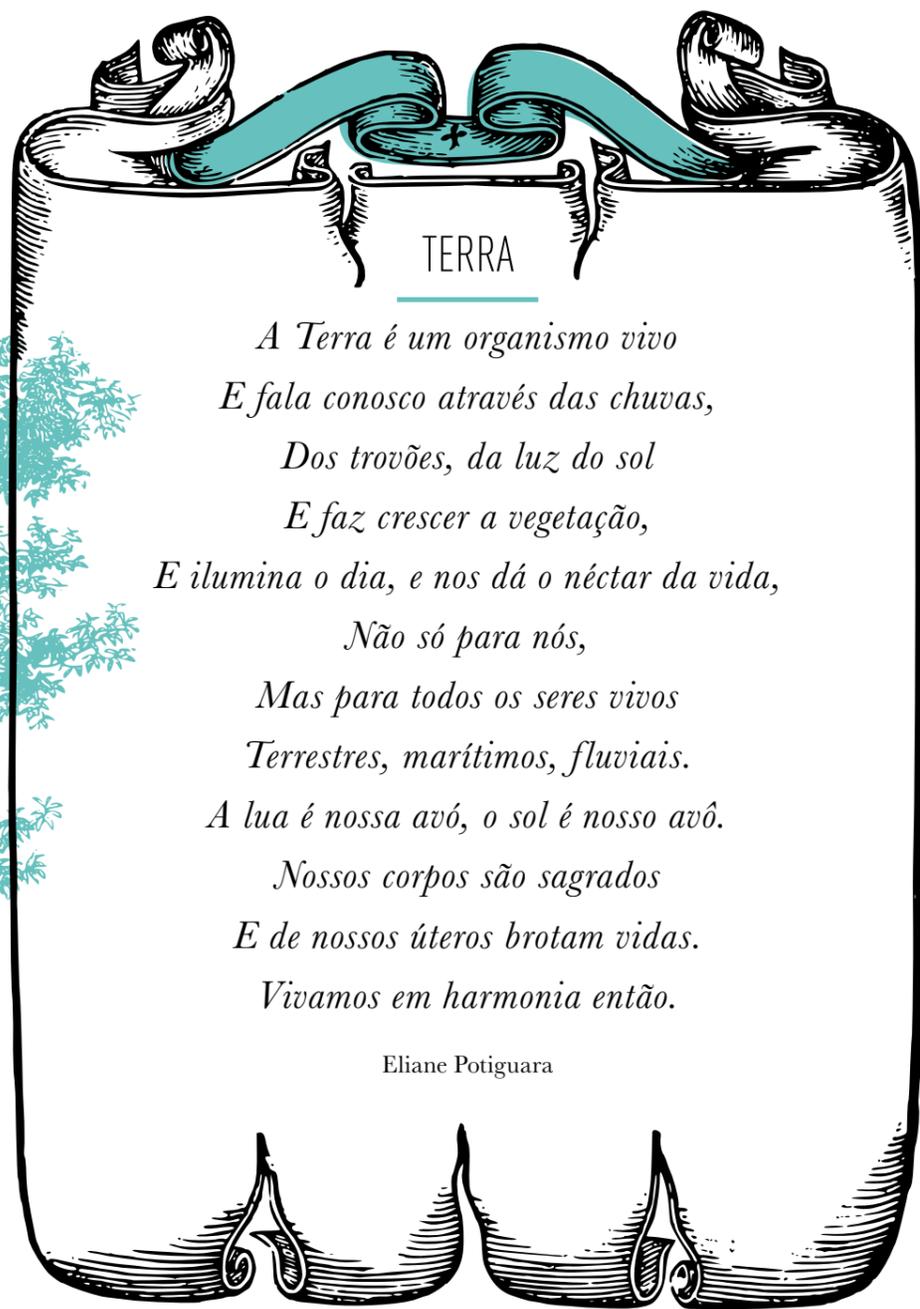
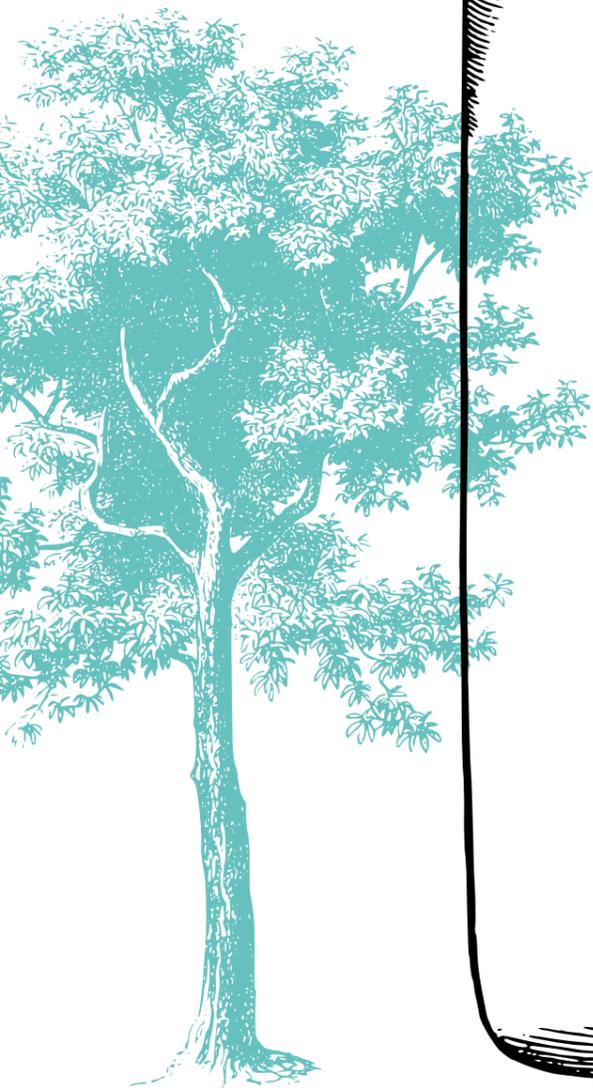
¹⁴ Cf. Fratelli Tutti – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social, 201-203.

A TERRA FALA:

ANCESTRALIDADE, ETNIA E (DE)COLONIALISMO

Por Eliane Potiguara

Professora, poeta e escritora indígena de origem Potiguara. Recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela UFRJ, em 2021.



TERRA

*A Terra é um organismo vivo
E fala conosco através das chuvas,
Dos trovões, da luz do sol
E faz crescer a vegetação,
E ilumina o dia, e nos dá o néctar da vida,
Não só para nós,
Mas para todos os seres vivos
Terrestres, marítimos, fluviais.
A lua é nossa avó, o sol é nosso avô.
Nossos corpos são sagrados
E de nossos úteros brotam vidas.
Vivamos em harmonia então.*

Eliane Potiguara



A ANCESTRALIDADE É UM VEÍCULO DA HISTÓRIA

Povos indígenas guardam uma infinidade de experiências em seu cotidiano como a preservação da cultura, das línguas originárias, da identidade indígena, da natureza, das águas e uma maneira de viver sustentável. Recolhem das matas o suficiente para o seu dia a dia e não criam mais valia. Essa forma de vivência deu bases a muitas discussões e sugestões para a ciência e tecnologias, governos e, principalmente, foi base para a Conferência Mundial do Meio Ambiente em 1992, realizada pelas Nações Unidas.

Os povos indígenas nunca foram primitivos como muitas vezes é compreendido por visões ocidentalizadas, nem “iletrados”, nem sem educação, sem hábitos, sem costumes, sem espiritualidade e sem línguas. Os povos originários, étnicos do planeta, com sua tecnologia e cosmovisão sobrevivem até hoje, apesar dos constantes ataques que vêm sofrendo. A força ancestral é o manancial imensurável de vida. A valorização dos anciãos é uma determinante na educação das crianças e jovens.

Povos étnicos do mundo inteiro mostram que desde os primórdios da civilização são segmentos diferenciados, com outras maneiras de ser, coexistir e pensar. A civilização originária aqui colocada pelo Criador há milhares de anos foi uma civilização que sabia dividir, com papéis definidos compartilhados entre homens, mulheres, crianças e anciãos, e com grandes conhecimentos tradicionais e filosóficos.

No Nepal, nas sociedades étnicas, por exemplo, as mães cozinham até hoje comidas orgânicas numa vida altamente rural e original e seus filhos permanecem ali coladinhos ao fogo dentro de casa acompanhando os movimentos maternos. Por isso, uma criança de 6 anos, por exemplo, pode vir a manejar o fogo e pode cozinhar o arroz para toda família, e o irmão menorzinho continua ali, ao lado dele, na observância. Caso a mãe lhe peça para tal função ou ele mesmo tome tal atitude, a criança está preparada. Assim é também numa comunidade indígena brasileira.

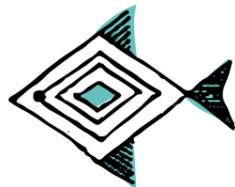
E no ato de cozinhar, toda a família concentra-se naquele fogo de lenha ao chão na pequena casa, não só a observar a elaboração do alimento como a se acalantar do intenso frio, onde cada um comenta seu dia, outro conta uma história, o outro sugere tal e tal tempero. Nesse processo coletivo, o ato de cozinhar, que na sociedade moderna é um ato solitário, na maioria das vezes feminino e pesado, muitas vezes se diferencia dessa sociedade nepalês, entre outras etnias do mundo asiático, entre outros continentes que possuem povos étnicos. Do simples modo de cozinhar está intrínseco o princípio e a ética daquele povo: o amor, a solidariedade, a justiça.

Neste caso, vemos peças de carnes ou peixes expostos para secar num varal, ou estendidas e espalhadas ao telhado; vemos uma quantidade imensa de temperos com sabores distintos que

dão ao alimento paladares sofisticados oriundos da própria natureza e com coloridos exacerbados. Assim vivem os povos étnicos do Himalaia, do Tibet, na África calorosa, nas três Américas ou no Brasil acolhedor de muitos verdes e amarelos. Povos étnicos ou indígenas existem em todas as partes do mundo e essa existência constituiu-se sempre em um processo de equilíbrio à natureza colocada aí, no planeta Terra, pelo Criador, desde o início da civilização humana. Assim foi na minha casa, onde minha avó e tias-avós organizavam os alimentos pendurados e as batatas-doces, macaxeiras, inhames... empilhavam-se ao canto do ambiente doméstico.

A *Carta da Terra*, redigida em 1992 pelos povos indígenas, ofereceu aportes para governos se nortearem acerca da poluição e destruição do meio ambiente. Mas e os governos, eles observaram as determinações dos povos ancestrais? Nunca! As sociedades modernas, pós-modernas, contemporâneas, urbanas ou não, do mundo inteiro, tecnológicas e corporativas, contestam os povos ancestrais porque eles representam uma outra forma de viver. Foi assim que foram concebidos pelo grande Criador do universo. Nesse processo vemos, verdadeiramente, os laços do racismo e do preconceito social. É uma luta de classes que esses povos da terra e de reverência ao Criador, não pediram para participar.

UMA HISTÓRIA EM CADA ALMA ANTIGA



Em outros tempos, povos originários que porventura visitavam sociedades urbanas eram ridicularizados, apedrejados, como aconteceu nos USA ou países europeus entre os séculos XIX e XX. A Ku Klux Klan, nos Estados Unidos, incendiava casas de pessoas oriundas de povos tradicionais africanos que vieram como escravos. Essa é a história verdadeira entre sociedades chamadas modernas e sociedades oriundas de povos originários.

As grandes matas, como a Amazônia, os grandes lagos, as grandes montanhas, os grandes campos, as corredeiras dos rios, enfim... ficaria aqui descrevendo cada topografia deste planeta maravilhoso, todos colocados ali pela providência existencial do Grande Criador. Hoje, tudo está ameaçado pelas mãos dos donos do dinheiro, do capitalismo desenfreado e competidor.

“Atualmente, o agronegócio é o maior destruidor de vidas indígenas e destruidor do meio-ambiente. Até aonde iremos?”

Conta a minha avó indígena potiguara, mulher sábia e de grande inteligência empreendedora, que de uma banana ela fazia mil. Parece milagre, não é verdade? Mas não! Foram as forças ancestrais e sua cultura tradicional advindas de seus pais, avós, bisavós e tataravós que a inspiraram a salvar toda uma família potiguara escorraçada de suas terras para não serem escravos ou serem assassinados como foi o seu pai, Chico Solón, na Paraíba. Houve

medo? Claro! Quem não teria medo de se submeter às mãos assassinas da neocolonização que não consideravam pessoas indígenas de pele preta pelo sol, como ser humano? Assim foi a colonização no mundo inteiro. O ar de superioridade racial submergiu em todos os tempos e lugares. E quantas vidas perdidas pelas mãos desses homens brutais, sem piedade e solidariedade, que perpetuaram o racismo no seio de seu país e que tratavam os povos tradicionais, originários como mulas e sem alma. Não tínhamos as armas. Tínhamos a sabedoria dos ancestrais. E essa força tradicional nos acompanhou até os dias atuais. Os grandes mestres da sabedoria dos povos originários como os Maias, Astecas, Incas sucumbiram frente à nova civilização europeia obviamente permanecendo a reminiscência, os Chiapas atuais mexicanos, os Mesquitos na Nicarágua, por exemplo.

E onde ficam as essências e a ética da vida humana? Onde ficam a autocrítica e o autoconhecimento de cada um em prol da melhoria dos que vêm destruindo e poluindo dia a dia esse grande planeta azul? O que estão ensinando às crianças e aos jovens? É hora de reaprender o que significa o autoconhecimento, grande qualidade dos mestres iniciáticos da valorização do outro, da comunidade, da ancestralidade e dos grandes anciãos. Voltar-se para si mesmo, para sua essência, para seu povo, enxergar-se no outro e se questionar o tempo todo quem somos, esse é um caminho deixado pelos grandes filósofos originais e essenciais da natureza humana em toda a parte do mundo. Serão os desastres ambientais, as guerras, que ensinarão a humanidade ou cada um já vem a refletir o seu papel nas sociedades. E o respeito? Como vão reconstruir o respeito a quem está ao seu lado? A evolução começa dentro

de si mesmo. Mas, quando iniciam essa evolução interna o “egocentrismo”, “o meu” ... “o meu poder” se contradiz ao “eu”, à energia vital, ao coração, aos princípios mais fundamentais e honestos de cada ser humano. O “meu”, tem vencido o “eu”. A humanidade está muito longe de compreender o que é o autoconhecimento, filosofia tão simples imanada pelos Cherokees, Mohawks, Guaranis, povos indígenas da Amazônia e de todo Brasil e milhares de etnias originárias, onde o centro do mundo é o seu coração e alma, essência da fonte imensurável planetária.

O simples fato de as sociedades originárias cozinham ao pé do fogo de lenha e se confraternizarem, ou outras etnias americanas juntarem-se para seu Pow Wow, ou as etnias brasileiras dançarem o Toré, por exemplo, convocando seu Criador, homenageando seu habitat ou agradecendo pela vida, pelo direito à vida simples que vivem, esse homem e mulher simples de alma e coração puros desprovidos do ego explorador do sangue do outro, poderão compor a nova sociedade mundial. E a nova Ordem Mundial das grandes potências irá literalmente à falência econômica, filosófica e física.

AS ARTES INDÍGENAS SÃO COMO FLORES NO CAMPO

No entanto, diante desse aparato bélico e destruidor das grandes potências mundiais, povos indígenas têm-se organizado para o fortalecimento de sua identidade indígena como a maior expressão da dignidade humana. Povos indígenas estiveram sempre aqui e ninguém viu. E se viu, alocaram-nos como escravos, amas de leite e mulheres disponíveis para o sexo violento dos colonizadores. Povos indígenas hoje trabalham estratégias filosóficas de sobrevivência como “retorno à terra”, “campo em chamas”, “memória coletiva”, “eu estive aqui o tempo todo e você não viu”, “apagamento”, “violência”, “formas de relacionar a autoestima”, “aliança com a terra”, “o caboclo existe, é um de nós”, “arte: um instrumento de luta”.

A arte é um ponto de encontro de todas as artes, museus nativos, casas dos avós, todos os campos, museus antropológicos, literatura oral e escrita, pinturas corporais ou em murais ou em materiais de difusão, arte indígena contemporânea. Tudo isso para formar um grande contingente cultural para serem transformados em documentos. Documento também é a educação indígena levada a diante pelos professores indígenas, assim como a legislação dos povos indígenas trabalhadas por advogados e políticos indígenas. Tudo isso é nossa paisagem ancestral em nossas mentes motivadas pelos nossos antepassados. A arte é quase uma divindade. A ancestralidade acessa várias formas de existir e de se apresentar ao mundo. A ancestralidade nutre as artes através dos rios, montanhas, avô sol, avó lua, alimentos, fauna, flora, tudo conectado e nada disso está nas escolas urbanas ou na comunicação de massa.

Tomar o indígena como uniformização da cultura desses povos é nada menos que uma apropriação da arte indígena. Vejamos um exemplo: instituições indígenas do passado buscaram criar o índio genérico, o índio imaginário de José de Alencar, (“Iracema morreu de amor por um estrangeiro”), o índio ficcional. A Semana de Arte Moderna, de Oswald de Andrade, esqueceu a realidade do país e deixou literalmente de lado a história dos povos indígenas. *Macunaima* é uma história indígena de Roraima, dos Wapixana.

Tudo isso precisa ser revisto. O encontro de gentes diferentes gera novas possibilidades de interpretar o mundo habitado. Colocar-se no lugar do outro, ou colocar-se no lugar do indígena seria no passado uma prática de respeito, mas isso não ocorreu. Ainda hoje é assim, vide guerra entre Rússia e Ucrânia. Vide todas as guerras pelo poder. Vide as competições estatais, governamentais, simplesmente pelo poder de uns sobre os outros.





“A coisa mais bonita que temos dentro de nós mesmos é a dignidade. Mesmo se ela está maltratada. Mas não há dor ou tristeza que o vento ou o mar não apaguem. E o mais puro ensinamento dos velhos, dos anciãos parte da sabedoria, da verdade e do amor. Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma! Bonito é poder dizer sim e avançar. Bonito é construir e abrir as portas a partir do nada. Bonito é renascer todos os dias. Um futuro digno espera os povos indígenas de todo o mundo. Foram muitas vidas violadas, culturas, tradições, religiões, espiritualidade e línguas.”

In POTIGUARA, E. *Metade cara metade máscara*. Editora Global, 2004.

MULHERES INDÍGENAS SEMPRE FORAM SAGRADAS

Nas sociedades contemporâneas muitas mulheres modernas e conscientizadas de seu próprio valor disseminaram o conceito do “feminino sagrado”, trazendo para suas vidas pessoais filosofias que pudessem fortalecê-las a partir da autoestima, da sexualidade, das artes, cultura, relações humanas, enfim... um grande leque de atributos.

Como mulheres indígenas sabemos que essa relação Terra/natureza/mãe/útero é muito forte nos conhecimentos tradicionais indígenas, base para as novas sociedades e educação e que existem desde os primórdios da história indígena.

As visões indígenas e a cosmologia (que a sociedade chama mito) para nós, indígenas, é o nosso dia a dia, são nossas histórias de vida. São os ensinamentos ancestrais deixados pelas nossas etnias. É importante que a sociedade saiba que a MÃE TERRA é um conceito preliminarmente dos povos originais e ancestrais. Hoje, a sociedade consumista transforma essas informações não só em objetos de estudo, mas na apropriação indevida com fins altamente capitalistas. Apesar disso, a sociedade aprendeu com os povos indígenas a valorizar o papel da mulher na sociedade.



É tempo de reconstrução e jamais lamentar. Hoje, já sabemos quem somos, o que queremos e para aonde vamos. Nas últimas cinco décadas aprendemos que a batalha não está perdida. A ancestralidade é um veículo da história e nossa reconstrução está sob essas bases.



CONHEÇA A PÁGINA DA AUTORA



Evoluímos juntos para ir mais longe.

Há várias gerações, estamos presentes no dia a dia da escola, apoiando, criando pontes e estimulando famílias, estudantes e colaboradores a experimentar suas melhores versões.

Com tantas vivências, completamos 120 anos de história e a sensação é de que apenas iniciamos. Hoje, uma nova era começa para a **FTD Educação** e ela só é possível porque você caminha com a gente: apresentamos a evolução da nossa marca - ainda mais próxima, inquieta e em constante movimento.



Conectamos histórias. Construímos futuros.



FTD MKT



O futuro da Educação não está distante. Ele já é realidade. Vamos conhecê-lo juntos?

SOBRADINHO

Autoria:
Sá e Guarabyra

O homem chega já desfaz a natureza
Tira gente põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia, vai subir bem devagar
E passo a passo, vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar

O sertão vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
O sertão vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casanova, Sento Sé
Adeus Pilão Arcado veio o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira, o Gaiola vai subir
Vai ter barragem no Salto do Sobradinho
O povo vai se embora com medo de se afogar

O sertão vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casanova, Sento Sé
Adeus Pilão Arcado veio o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira, o Gaiola vai subir
Vai ter barragem no Salto do Sobradinho
O povo vai se embora com medo de se afogar

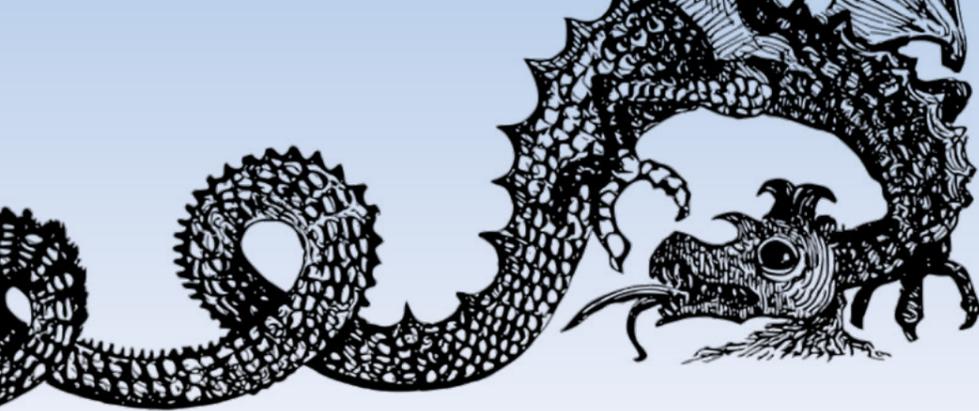
O sertão vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Vai virar mar
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão

Remanso, Casanova, Sento Sé
Pilão Arcado, Sobradinho, adeus, adeus
Remanso, Casanova, Sento Sé
Sobradinho, adeus, adeus
Remanso, Casanova, Sento Sé
Sobradinho, adeus, adeus



CONFIRA O VÍDEO
Viola, Minha Viola
TV Cultura

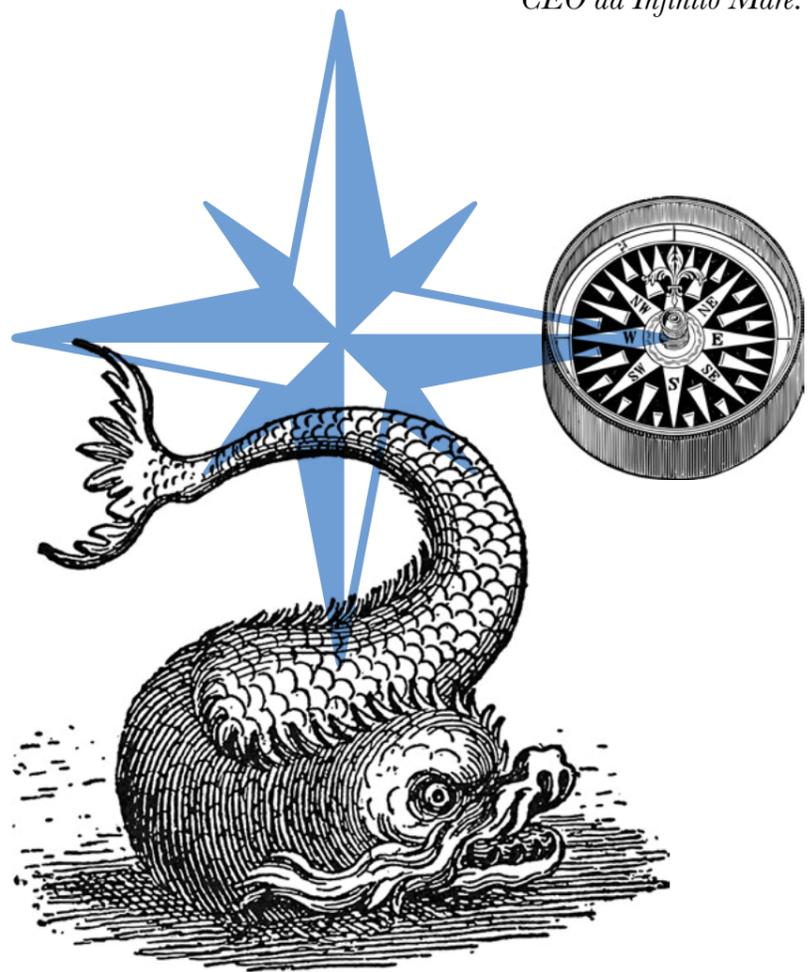




AMAZÔNIA AZUL E A DÉCADA OCEÂNICA

Por Bruno Libardoni

Doutor em Geociências pela UFF, Fundador e CEO da Infinito Mare.



Durante muito tempo, o oceano “vestiu” o importante papel da representação mais pura do desconhecido. E o medo desse desconhecido, uma criação do próprio espírito, foi pautado pela ausência de ferramentas para se compreender as águas que deram origem à vida no nosso planeta. A partir disso, histórias, mitos e folclores foram envolvendo a existência do homem e de um oceano desconhecido. Civilizações paravam às suas margens, pois entendiam que a barreira das águas precisava ser respeitada. Era uma proteção forte, um amparo que além de trazer estabilidade para o grupo e alimentos ao corpo, servia de alimento à imaginação do espírito. Ao longo da história, a busca pela verdade, por conhecer, por enfrentar os medos e anseios, por adentrar e se banhar completamente no tão desconhecido e temido oceano, ganhou uma bela expressão latina: *Possessio Maris*, ou simplesmente “Posse do Mar”: a posse do desconhecido. O ilustre poeta português Fernando Pessoa, em seu livro *A mensagem*, faz uso desta expressão em referência ao infante Dom Henrique e sua dedicação ao desvendar e explorar os mares para além do horizonte – movimento que iniciou a era dos descobrimentos e das grandes navegações.



O imaginário se constrói através do desconhecido, age diretamente como fonte de inspiração e criação, com exemplos claros dentro dos gênios atemporais da humanidade que se inspiraram nessas grandes extensões de águas salgadas. Respeitáveis nomes da Literatura, das Artes e das Ciências, tais como Fernando Pessoa, William Shakespeare, Ernest Hemingway, Pablo Neruda, Katsushika Hokusai, Leonardo Da Vinci, Pablo Picasso, Galileo Galilei, Charles Darwin e entre tantos outros, fizeram uso do imaginário e se banharam nas majestosas águas do oceano para aguçar seus processos criativos. A existência da cultura humana se faz inseparável da existência do oceano.

E foi apenas nos últimos 150 anos que presenciamos verdadeiros esforços para se desvendar cientificamente a imensidão das águas oceânicas. Em 1872, a expedição britânica *Challenger* deu início ao movimento exploratório dos mares, com descobertas e contribuições significativas para a compreensão do funcionamento do nosso planeta. O comportamento das correntes oceânicas, a existência de cordilheiras meso-oceânicas e fossas profundas, foi o início de uma era marinha, um movimento global de exploração no qual nenhum país queria ficar de fora das descobertas advindas dessa era. E, finalmente, as ferramentas para se desvendar, com precisão, as águas marinhas começaram a ser inventadas e refinadas pela Ciência Oceânica. Exploradores surgiram por todos os lados, como Jacques Cousteau, Thord Heyerdahl e Sylvia Earle, nomes importantes para a democratização do conhecimento sobre oceanos.



“Voz de oceano que não vejo.
Da praia do meu desejo...”

Manuel Bandeira

Jacques Cousteau, considerado o “pai do mergulho”, contribuiu com a invenção do primeiro equipamento autônomo para submersão aquática, chamado Aqualung. Através dele, evidenciou as belezas das águas marinhas com grande liberdade e, junto de seu veleiro, *Calypto*, explorou remotas áreas, deixando um importante legado de documentação audiovisual, livros e ativismo ambiental para a conservação da natureza. O cientista e antropólogo norueguês Thor Heyerdahl dedicou a vida a provar que os indígenas sul-americanos poderiam ter colonizado as ilhas pacíficas da atual Polinésia Francesa. No início, o explorador foi ridicularizado pela comunidade científica. Como poderiam os nativos sul-americanos, os quais possuíam embarcações rudimentares, terem cruzado o desconhecido oceano Pacífico Sul? Foi então que o pesquisador decidiu por seu próprio destino à prova e partiu junto da sua jangada batizada de Kon-Tiki em 1947. A jangada flutuou através das correntes oceânicas por 101 dias até o desembarque da tripulação nas ilhas polinésias, comprovando sua teoria. Um marco da expedição Kon-Tiki é que ela foi inteiramente registrada e documentada pelo cineasta sueco Olle Nordemar e rendeu o oscar de melhor documentário de longa-metragem à produção, em 1951. A bióloga marinha e oceanógrafa Sylvia Earle é a maior referência na exploração dos oceanos profundos da atualidade, inspirada pelo legado de Jacques Cousteau, realizou milhares de mergulhos nas diferentes porções dos oceanos, e o feito de ser a primeira pessoa a caminhar no fundo do mar. As centenas de expedições marítimas realizadas pela pioneira são reconhecidas mundialmente, e suas contribuições foram cruciais para o desenvolvimento das tecnologias submersíveis de exploração subaquáticas e do oceano profundo.



UM OCEANO E SUAS 5 REGIÕES OCEÂNICAS

O oceano é o corpo de água interconectado que banha nosso planeta, um oceano, sem barreiras e ou separações e, que apresenta cinco regiões geográficas interligadas denominadas como: oceano Atlântico, oceano Pacífico, oceano Índico, oceano Ártico e oceano Antártico. Com a finalidade de habilitar e permitir seus 149 Estados-membros a trabalharem juntos para proteger a saúde do nosso oceano compartilhado, a Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO (COI-UNESCO) é o órgão das Nações Unidas que coordena programas globais de observação oceânica, planejamento espacial marinho, mitigação de impactos ambientais e alerta de desastres naturais, como *tsunamis*.

Peça chave na origem e manutenção da vida na Terra, o oceano atua como um importante regulador e modulador do clima global, absorvendo o calor dos raios solares e equilibrando essa energia através da sua distribuição junto às correntes oceânicas. Produz mais da metade do oxigênio que necessitamos para sustentar a vida, nutre uma biodiversidade inimaginável, é fonte de alimento direto para mais de 3 bilhões de pessoas anualmente, além de ser responsável pelas grandes ciclagens do planeta, como nos ciclos de água, carbono e nitrogênio.

Mesmo com toda evolução no conhecimento humano acerca do oceano, e a necessidade de preservar e conservar o maior ecossistema do mundo, não foi possível frear os impactos humanos sobre a natureza; as consequências dessas ações são claramente vistas nas diferentes regiões oceânicas. Acidificação das águas, extinção de diversas espécies, degradação dos ecossistemas marinhos, diminuição da biodiversidade, aumento da poluição e da diversidade dos poluentes e alteração dos ciclos naturais, são alguns exemplos que podem ser observados, portanto, a lista fica cada dia mais longa.

O interessante no sistema Terra é que a natureza é bastante dinâmica e sempre busca um equilíbrio nas suas forças atuantes. Pode-se concluir, linearmente, que a partir do aumento expressivo das ações e impactos do homem na natureza, um novo equilíbrio tende a ser visto para se equalizar os efeitos antrópicos sobre seus ecossistemas. E, de forma bastante sucinta, podemos chamar essa busca por um novo equilíbrio ambiental de *mudanças climáticas*.

“O status global é de alerta vermelho.”

As mudanças climáticas batem à nossa porta; o cenário ambiental está diferente, os padrões conhecidos estão se alterando, e já materializam efeitos expressivos na sociedade. Fenômenos climáticos foram intensificados, e exemplos frequentes de tempestades, furacões, alagamentos, secas intensas, queimadas e demais fenômenos são vistos em todos os cantos do planeta, com perdas incalculáveis de vidas humanas e estruturas urbanas.

A AGENDA 2030

Frente a essa realidade, a Organização das Nações Unidas propôs a *Agenda 2030*, um plano global firmado em 2015 pelos Estados-membros, com o compromisso de seguir as recomendações para transformar o mundo e caminhar para o horizonte do desenvolvimento sustentável. A Agenda 2030 reúne 169 metas dispostas em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais foram criados com o horizonte de erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente, o clima e a humanidade. Os ODS nada mais são do que um apelo global para fortalecer a cultura sustentável no olhar das empresas e governos.



2021 United Nations Decade of Ocean Science for Sustainable Development 2030

Logo oficial da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável.

Um dos objetivos, o ODS 14, apresenta o caráter especial de dialogar sobre a **Vida na Água**, sobre a conservação do oceano e do uso sustentável dos recursos marinhos. E, frente à importância do oceano no contexto global, em dezembro de 2017, a ONU declarou que nos anos entre 2021 e 2030 seria realizada a **Década da Ciência Oceânica** para o desenvolvimento sustentável, com o intuito de garantir que a ciência oceânica apoie plenamente os países na implementação da Agenda 2030.

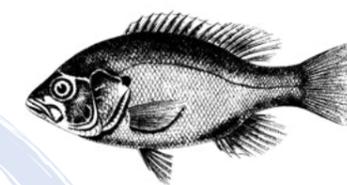
A Década é a oportunidade ideal para fortalecer a gestão dos oceanos, a cooperação internacional, o incentivo à ciência e à inovação tecnológica em benefício da sociedade e da integridade ambiental. Essa iniciativa apresenta os objetivos claros de fomentar a ciência oceânica para que tenhamos informações e conhecimento aprofundado acerca do oceano, e assim, melhor gerir e criar políticas públicas eficientes para o seu desenvolvimento sustentável. É uma oportunidade de estabelecer alicerces para cooperações internacionais mais eficientes e parcerias entre instituições para a conservação das águas e para o benefício de toda a humanidade.

O horizonte para os anos dessa Década é transformativo, e possui a missão de desenvolver a ciência que precisamos para o oceano que queremos, com 6 resultados esperados:

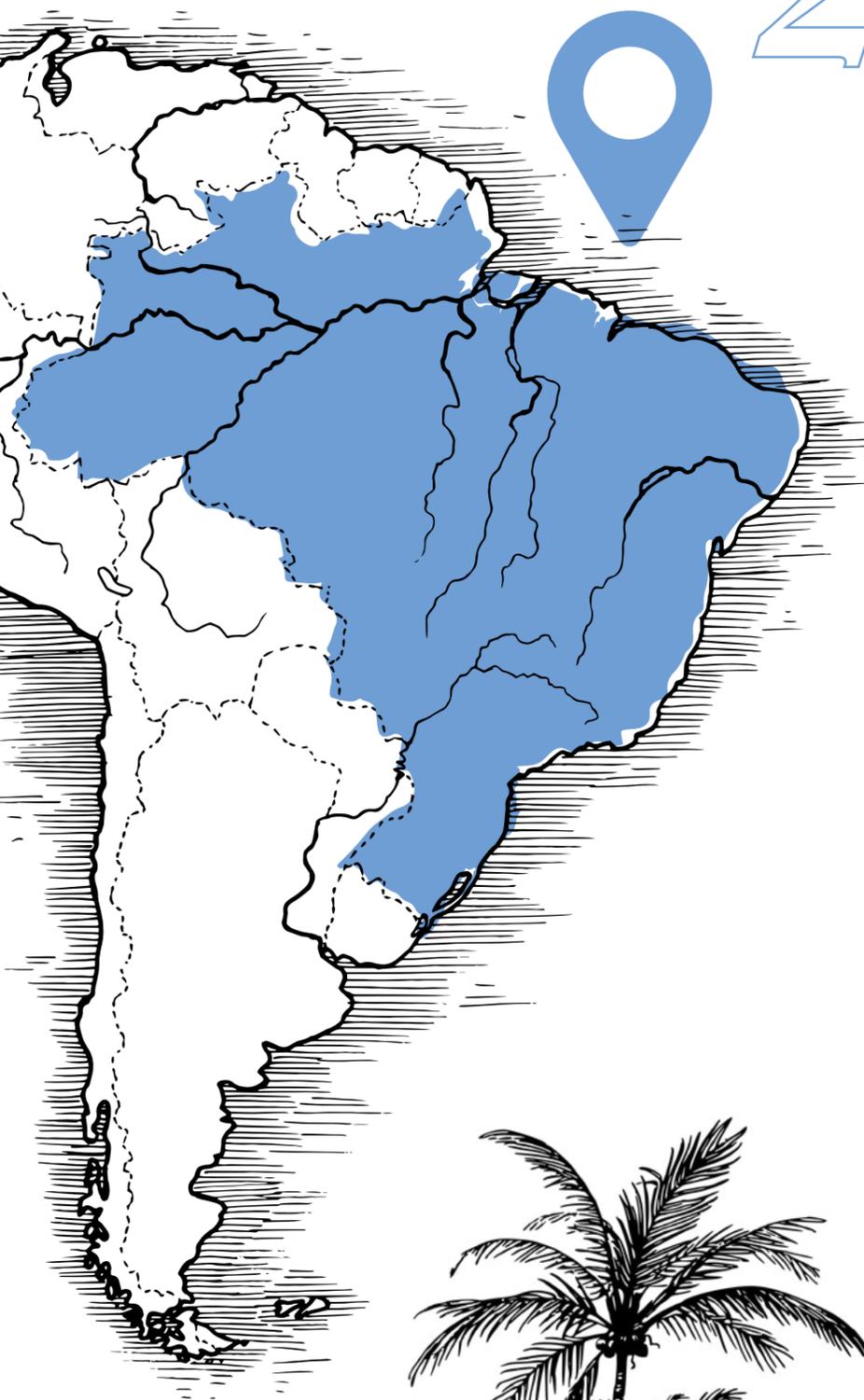
1. Um oceano limpo, com a identificação da origem dos diferentes poluentes, e remoção deles;
2. Um oceano saudável e resiliente, com os seus ecossistemas mapeados e protegidos;
3. Um oceano previsível, com a sociedade capaz de compreender as condições oceânicas presentes e prever condições futuras;
4. Um oceano seguro, onde as pessoas estejam protegidas dos riscos oceânicos e climáticos;
5. Um oceano produtivo e sustentável para a garantia da provisão de alimentos;
6. Um oceano transparente, com acesso aberto aos dados, informações e tecnologias.



Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU.



“O Oceano que precisamos para o futuro que queremos.”



E A DÉCADA NO BRASIL?

O Brasil tem enormes responsabilidades quanto ao cuidado para com o oceano e seus recursos, com um papel importante na construção da Década, pois possui jurisdição sobre mais de 5,7 milhões de km² de área oceânica. E fazendo jus às diretrizes da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), a Marinha do Brasil vem buscando consolidar o conceito político-estratégico da “**Amazônia Azul**”, o qual amplia ainda mais a visão da importância nacional sobre as águas da sua jurisdição, e insere os ambientes de água doce e sistemas hídricos na proteção e interesse nacional, cruciais para a manutenção e regulação do clima e saúde do oceano.

A governança da Década no Brasil passa pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), responsável por planejar e implementar ações de desenvolvimento. Para tal, o MCTI formalizou um Comitê de Assessoramento científico consultivo em março de 2021, e convidou representantes das mais diversas instituições, tais como: a Marinha do Brasil, UNESCO Brasil, sociedade civil, comunidade acadêmica, Rede ODS Brasil, setor privado, jovens pesquisadores - embaixadores do oceano e especialistas em divulgação científica do tema, para participarem do Comitê. Paralelamente, Grupos de Apoio à Mobilização Regional (GAM) foram criados com o objetivo de divulgar e compartilhar informações, promover o engajamento local, além de informar o MCTI sobre as demandas e sugerir atividades para sua região.

“ Os movimentos nacionais para a inserção dos objetivos da Década do oceano na realidade brasileira tiveram início nos anos de 2019 e 2020, com a Oficina Regional do Atlântico Sul e demais Oficinas nas Regiões Brasileiras. ”

Em dezembro de 2021, o MCTI lançou o Plano Nacional de Implementação da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável, delineando as ações prioritárias, baseadas em consulta à sociedade civil, relacionando com os demais planos nacionais já existentes e descrevendo o planejamento das ações durante os anos 2021-2030.

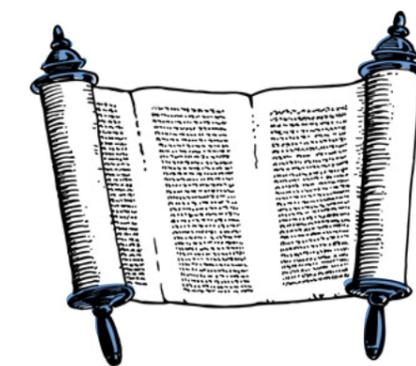
Juntamente com as ações oficiais, movimentos independentes surgiram, com objetivo de otimizar as ações pró-oceano e tornar mais efetiva e palpável a transformação necessária e idealizada pela Agenda 2030 no país. Exemplos expressivos aconteceram com o nascimento da *Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade do Oceano*, vinculada ao Instituto de Estudos Avançados e ao Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP), que surgiu com o propósito estratégico de promover a Década do oceano. Outra iniciativa é o *Maré de Ciências*, vinculado à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), que apresenta uma proposta inovadora de divulgação científica para engajar e fortalecer a interface das ciências, das políticas públicas e da sociedade. Já o *Painel Brasileiro para o Futuro do Oceano (PainelMar)*, surgiu com a missão de atuar como plataforma colaborativa multissetorial de indivíduos e organizações para iluminar as políticas públicas com o melhor conhecimento disponível da realidade oceânica brasileira e global. O surgimento desses movimentos posiciona fortemente o país frente à Década, há um verdadeiro compromisso de transformar a realidade nacional e possibilitar a sustentabilidade do oceano.

Dentre as ações prioritárias mais importantes na Década do oceano e um foco das ações nacionais está a **promoção da cultura e literacia oceânica**. O conceito consiste no entendimento das relações humanas com a água do mar, no papel dos oceanos e o efeito sobre a realidade humana e em como o humano pode afetar o funcionamento e integridade do oceano. E uma das atuações nacionais mais importantes de promoção da cultura oceânica teve início no ano de 2021, com o lançamento da Olimpíada Brasileira do Oceano (O2). A O2, promovida pelo Programa Maré de Ciência da UNIFESP, British Council, UNESCO, Fundação Grupo Boticário, MCTI e Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, que nasce como um convite para ações que envolvam educação, ciência e cidadania para o desenvolvimento sustentável realizadas por escolas e/ou espaços não-formais de ensino.

Uma iniciativa muito interessante neste sentido é o da Escola Azul, que nasceu em Portugal e trabalha de forma ética e transversal o tema oceano no currículo escolar. A partir dele, o jovem desenvolve o pensamento crítico e é incentivado a ter uma maior consciência, a criar laços afetivos com o mar e a promover ações e mudanças de comportamentos para e em prol da sustentabilidade do oceano. O conceito é um convite para que as escolas do mundo todo, distantes ou não do mar, integrem seus estudantes, professores, a comunidade escolar na cultura oceânica. No Brasil, o programa Escola Azul aplica o conceito dentro da realidade sociocultural brasileira, respeitando a diversidade e a cultura dos povos tradicionais.

Outra iniciativa inédita para esta promoção aconteceu em novembro de 2021, na cidade de Santos. Foi promulgada a primeira lei municipal sobre a inserção da Cultura Oceânica no currículo escolar, tornando a cidade do litoral paulista, a primeira cidade do mundo a estabelecer a cultura oceânica como política pública no currículo das escolas.

“ A promoção da cultura oceânica é crucial para atingirmos os objetivos da Década do oceano. A inserção do olhar de preservação do oceano nas escolas é uma prioridade para a manutenção das futuras gerações. ”



ECONOMIA OCEÂNICA E ECONOMIA AZUL

Nos recortados 8500 km, aproximados, da costa brasileira, podemos observar uma enormidade de ecossistemas marinhos majestosos, com extrema importância na promoção da biodiversidade, estabilidade climática, manutenção dos recursos pesqueiros e segurança costeira. O ambiente marinho é essencial para o desenvolvimento e autonomia nacional. Mais de 90% da produção de petróleo nacional e 80% do gás natural são realizados em alto mar, e 45% do pescado é capturado nas regiões marinhas. Através das rotas marítimas nacionais são realizados os escoamentos de 95% do comércio exterior brasileiro. O Brasil tem grande parte da economia dependente da sua estrutura marinha disponível, e as diversas atividades produtivas baseadas nos oceanos compõe a chamada economia do mar ou economia oceânica, as quais não são sinônimo de sustentabilidade.

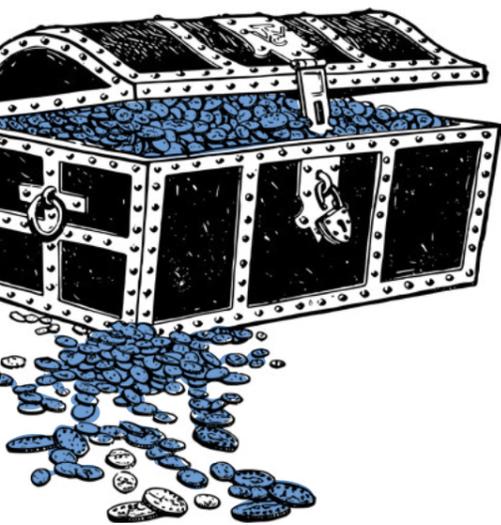
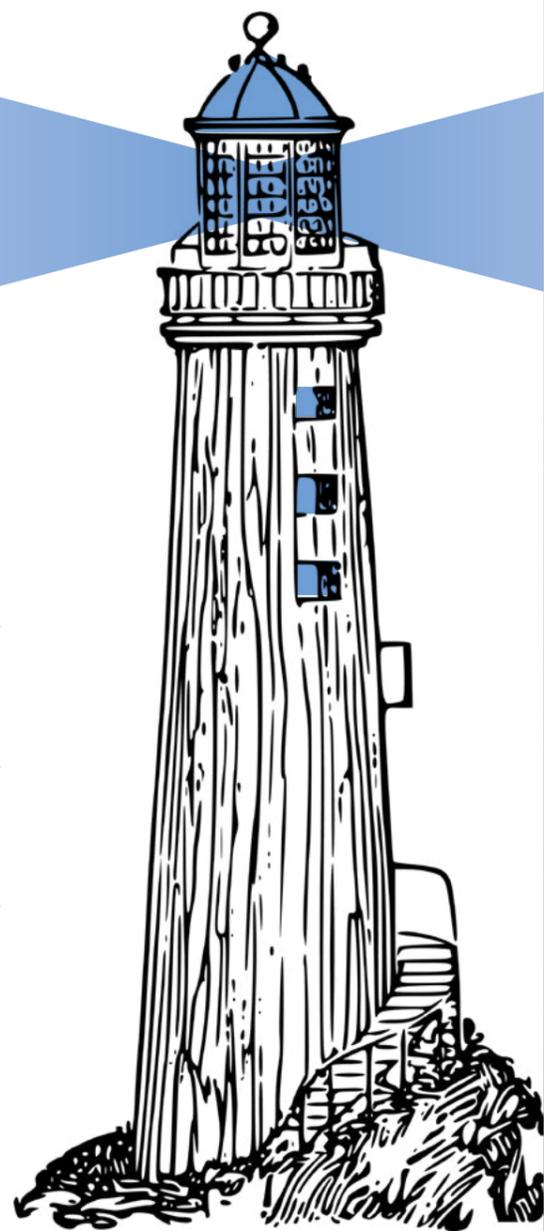
No ano de 2012, durante a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, também conhecida como a Rio+20, foi apresentado ao mundo o conceito de *Economia Verde*, uma economia baseada na preservação da natureza, das florestas e na otimização sustentável do potencial econômico advindo dos recursos naturais. A economia verde trouxe formas mensuráveis e concretas dos impactos ambientais e com ele, mecanismos de mitigação e recuperação dos impactos. No entanto, um pequeno grupo de países e nações insulares defendeu a importância socioeconômica que os oceanos possuem para o seu desenvolvimento e sua soberania, e inseriram o olhar *Azul* na economia mundial. Foi o nascimento das discussões sobre uma economia dita 'azul', uma ótica que endossa e incorpora os valores trazidos pelos serviços ecossistêmicos oferecidos pelo oceano nos diferentes aspectos da economia, e inclui a ótica sustentável das atividades produtivas. A *Economia Azul*, muitas vezes chamada de "economia oceânica sustentável", é definida como o equilíbrio da atividade econômica com a capacidade dos serviços ecossistêmicos suportarem essa atividade no longo prazo, permanecendo saudáveis e resilientes.

A economia azul é o horizonte a ser perseguido e objetivado por todos durante a Década. Estamos em um momento crítico e chave das mudanças climáticas, e precisaremos balizar nosso comportamento entre ações que contribuem ou atrasam a materialização dela. O desenvolvimento urbano, social e econômico precisa se manter forte para enfrentarmos as pressões dos tempos que vivemos, e todo crescimento precisa estar associado à conservação da natureza e às boas práticas de desenvolvimento humano e sustentável.



O oceano que queremos para o mundo que vivemos está próximo e como dizia Pessoa:

“*Deus quis que a terra fosse toda uma, que o MAR unisse, já não separasse.*”



CAFÉ FILOSÓFICO

Em 2022, o Café Filosófico está de volta ao presencial.

Promovido pelo Instituto Ciência e Fé PUCPR, o ciclo de encontros 2022 terá por tema

FREIO DE EMERGÊNCIA: A VIDA EM PERIGO.

Desde o início do século XX, a consciência da eclosão de uma crise humanitária e ambiental já se fazia presente.

Várias décadas depois nos encontramos em um momento crucial para acionar o freio de emergência antes de atingirmos o ponto de não-retorno.

25.MAI

Olgária Matos



FILÓSOFA, ESCRITORA
E PROFESSORA DA USP

11.AGO

**Carlos Walter
Porto-Gonçalves**



GEÓGRAFO, PROFESSOR DA UFF E AUTOR DE
"OS DESCAMINHOS DO MEIO AMBIENTE"

01.SET

Henri Acelrad



ECONOMISTA, PROFESSOR
DA UFRJ E AUTOR DE
"O QUE É JUSTIÇA AMBIENTAL."

04.OUT

Michael Löwy



SOCIÓLOGO E DIRETOR
DO CENTRE NATIONAL DE
LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE.



ENCONTROS NA FTD
DIGITAL ARENA, PUCPR

Saiba mais e inscreva-se gratuitamente.
Informações: icf@pucpr.br

PATROCÍNIO

FTD
EDUCAÇÃO

CHAMEX



A TELE VISUALIZAÇÃO DE NOSSAS VIDAS

Por François Jost

Filósofo, sociólogo e semiólogo francês, professor emérito da Universidade Sorbonne-Nouvelle.



Aqueles que, há alguns anos, anunciavam o fim da televisão, ou mesmo sua morte, foram surpreendidos pela crise da Covid-19. Durante o período de confinamento, a TV viu sua audiência aumentar, ao longo das semanas, e chegou, na França, a 4h29 por dia, em comparação com as 3h45, anteriormente. Os noticiários televisivos voltaram a ser programas “federativos”, se é que em algum momento deixaram de sê-lo, e o discurso do presidente da república francesa, Emmanuel Macron, em outubro de 2020, teve um índice de audiência de 93,6%, o mais alto jamais visto antes. Isso porque a tevê encontrou novas maneiras de se comunicar entrando em concorrência com a *web*? De jeito nenhum. Este sucesso mostrou antes um retorno às fontes. A televisão voltou a ser o que era. Aquela que, às vezes, é chamada de “velha mídia”, re-centralizou-se em suas missões de origem: informar, entreter, cultivar.

Compreende-se que, em tempos de crise, os cidadãos sentem a necessidade de ser informados. Diante do desconhecido que representava esse novo vírus, a expectativa de informação era, obviamente, muito forte. Mas não saberia explicar, por si só, esse retorno à televisão. A Internet é uma mídia de dispersão: conecta-se a ela não importa aonde, a qualquer hora e de forma solitária: no escritório, no quarto, no transporte público ou na rua. As comunidades que ela constitui são diásporas virtuais. Na *web*, prefere-se comunicar antes com o distante ao próximo. Mesmo que, muitas vezes, um lar possua várias telas, o medo bem real engendrado pela Covid-19 encontrou conforto na reformulação de um grupo - o único possível nestes tempos de confinamento -, a família. A televisão tornou-se um abrigo. E, ao mesmo tempo, recuperou o seu papel original de casa, tanto como substituta da lareira, em frente à qual nos aquecemos, quanto lugar em que se reúne a família.

Embora se reduza a televisão à única função de informar, como o faz Bourdieu em seu pequeno livro *Sur la télévision*¹⁵, aquela função ocupa, apenas, uma pequena porcentagem do tempo de transmissão dos canais generalistas. A televisão dos primórdios é, muitas vezes, apresentada, seguindo Umberto Eco, como uma *paleo-televisão* nas mãos dos professores, unicamente preocupada em edificar o público, em oposição a uma *neo-televisão*, inteiramente dedicada à convivialidade. Se essa oposição podia fazer sentido em 1985, ano em que Eco a formulou para descrever a desregulamentação do setor audiovisual na Itália, hoje, porém, ela se tornou um obstáculo epistemológico. Tanto para evocar o passado, quando o entretenimento ocupou parte importante da grade televisiva, quanto para caracterizar o presente, no qual os programas culturais têm seu espaço na televisão pública. Se o entretenimento é minoritário, isso é devido ao desprezo que - há muito - os intelectuais têm pela televisão.

Todavia, nessa recomposição da família em torno desse meio, o entretenimento desempenhou um papel complementar ao da informação. Em particular, graças aos filmes exibidos à tarde nos canais *France Télévisions*. Frequentemente, filmes do final dos anos 1960 como *La grande vadrouille*¹⁶, com Louis de Funès. Esta comédia, programada pela vigésima sétima vez pela TF1 ou France 2, transmitida na tarde de domingo do dia 22 de março de 2020 na *France 2*, reuniu 5.140.000 espectadores, ou seja, 37,5% do público com quatro anos ou mais.

Esta audiência, considerável para uma tarde de domingo, é, evidentemente, o sintoma de um reagrupamento, mas o é, além disso, um pouco mais: uma forma de aproximar gerações em torno de um patrimônio comum. As crianças aprenderam a ver ou gostar do que seus pais tinham visto quando eram mais jovens. A partir de agora, saberão do que e de quem se fala quando evocamos as comédias de Louis de Funès.

Durante o *confinamento* de 2020, os *confinados* (sic) não foram simplesmente espectadores, mas também o foram atores. Foram incontáveis as atividades e os jogos que as pessoas inventaram para passar o tempo. Alguns compunham canções, outros corriam em suas varandas, outros se fantasiavam, outros ainda imitavam obras de arte com os meios disponíveis. A página *Iso Isolation*, do Facebook, dedicada a esta atividade, contou com “380.000” “parodieurs”¹⁷ de todos os tipos, de países como Rússia, Ucrânia, mas também de Israel, Malta, Canadá e Estados Unidos.

Todas essas maneiras de preencher o vazio, tornando-nos atores de nossa própria vida, não nos fazem lembrar de algo? Um programa de televisão, nascido na virada do século XIX?... Big Brother (*Loft Story*, na França). Nesse programa, que se gabava de ser a própria vida, de reproduzi-la, os produtores propunham aos candidatos várias situações, encenando a si mesmos, em espetáculo nos quartos. Lembro-me, por exemplo, que tínhamos pedido, durante a primeira temporada, a um *lofleur*¹⁸, para percorrer Paris-Londres

de bicicleta ergométrica, uma prova que ecoa o *jogging* na varanda, e que mencionei há pouco. A única diferença entre os participantes do Big Brother e nós é que eles eram prisioneiros voluntários e nós nos tornamos eles, coagidos e forçados.

Nossa resignação em vivermos trancados teria sido a mesma se não tivéssemos visto antes esses *reality shows*, durante os quais o confinamento se tornou um jogo? Baseavam-se na promessa de copiar a vida. Promessa difícil de acreditar, tamanhas as condições de seu desdobramento eram tão distantes de nossa vida social. Vinte anos depois, as pessoas começaram a imitar a televisão! A vida social tornou-se reduzida às conquistas - e começamos a copiar o Big Brother com muito mais fidelidade do que esse programa havia imitado nossa vida. Esse encontro entre a¹⁹ televisão como instituição e a *tele-visão*, no sentido primordial de ver de longe, incita a refletir sobre o que se convencionou chamar de *remediação* e *intermedialidade*.

Em seu livro intitulado *Remediation*, Bolter e Grusin sustentam que “a remediação é uma característica definidora da nova mídia digital”²⁰ e que é “a maneira pela qual um meio é visto por nossa cultura como reformador ou aprimorando outro”²¹. Não é apenas uma nova mediação que é assim designada, mas um remédio para os defeitos da anterior, cuja finalidade é entregar ao destinatário uma “experiência mais imediata ou autêntica”²². Portadora de progresso, a remediação também seria uma questão de vida ou morte:

¹⁵ N. T. “Sobre a televisão”.

¹⁶ N. T. “A grande escapada”.

¹⁷ N. T. Deixamos no original em francês por falta, talvez, de uma tradução satisfatória para o português, o que seria algo, literalmente falando, como “parodistas”, do termo “paródia” ou imitação, mas que não se trata, exatamente, disso, de “imitadores”.

¹⁸ N. T. No Brasil, *brother* ou *sister*.

¹⁹ N. T. Em itálico, no original.

²⁰ David Bolter et Richard Grusin, *Remediation*, Cambridge, Massachusetts, MIT, p. 45. (N.T.: No original do texto de Jost: *remediation* (sic) “is a defining characteristic of the new digital media”).

²¹ *Op. cit.* p. 59. (N.T.: Também no original: “the way in which one medium is seen by our culture as reforming or improving upon another”).

²² *Op. cit.* p. 19. (N.T.: No texto original: “a more immediate or authentic experience”).

“Assim como o cinema, a televisão precisa remediar a mídia digital para sobreviver”²³. No capítulo dedicado à televisão, os autores argumentam que ela, a tevê, tomou emprestada do computador a segmentação da tela em uma “janela”, como vemos em particular nos *duplexes* ao vivo: enquanto, anteriormente, mostrávamos o jornalista sozinho no estúdio, ouvindo seu correspondente, agora a tela é cortada em duas.

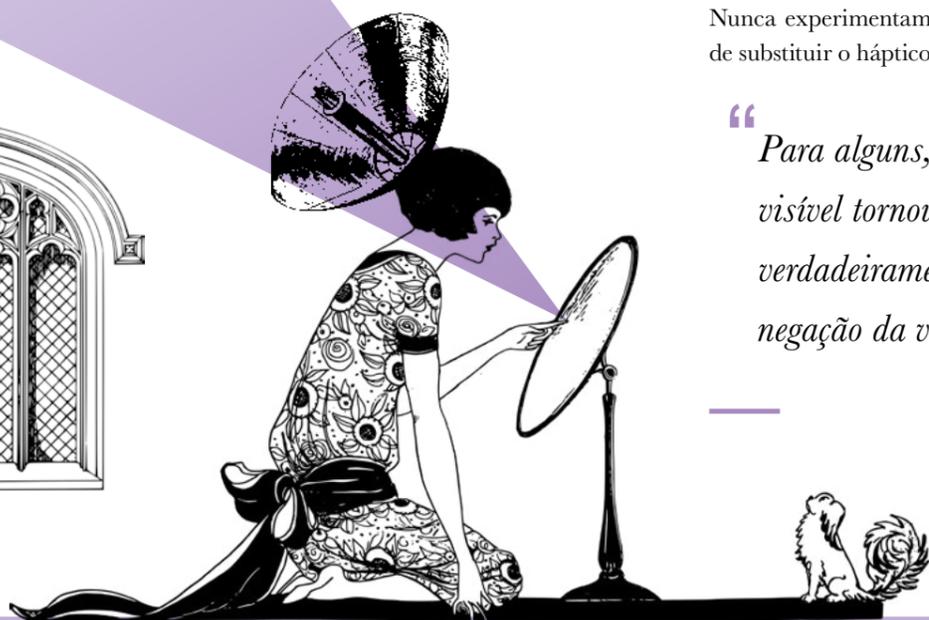
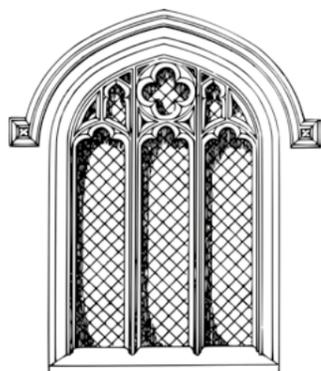
Do ponto de vista histórico, essa afirmação é discutível, pois, desde os primórdios do cinema, para representar duas pessoas conversando ao telefone, recorre-se a essa “tela dividida”. E o duplex é um velho hábito da televisão que existia antes das janelas dos computadores e que foi sonhado desde o século XIX por um escritor como Albert Robida que, em seu romance *Le vingtième siècle*²⁴, inventou o “telefonoscópio”, instrumento que permitia de se falar à distância uns com os outros, vendo a imagem do seu interlocutor. O século XIX a tinha sonhado, o XXI a fez.



Essa mistura de telefone e televisão começou com *softwares* como o Skype e espalhou-se com a generalização da televisão duplex, para transmitir grandes eventos ou eventos esportivos. Diante da impossibilidade de encontrarmos nossos amigos, nossos colegas, nossos alunos, nossos professores, precisávamos de telas para sair e ver o mundo. Zoom, Google, Meet - e muito outros ainda - tornaram-se nossos companheiros de infortúnio. Sessão de trabalho, conferência ou “coronapéro”²⁵... Após termos sido atores de um espetáculo cujas regras tinham sido fixadas pela telerrealidade, todos nos tornamos apresentadores, olhando nos olhos de nossos interlocutores, redescobrimos esse eixo y-y²⁶ que define o telejornal. De fato, experimentamos uma televisualização de nossas vidas. Proibido tocar. Proibido aproximar-se.

Confirmando, mais uma vez, que não há mídia sem *intermedialidade*, a televisão e a Internet, mutantes como esse vírus que nos faziam esquecer, juntaram-se. A *splitscreen*, que era prerrogativa da televisão ao vivo, com sua justaposição de repórteres em campo, difundiu-se e nos acostumamos a ver o mundo através de uma tela quadriculada na qual também se constituíram comunidades de interesse, como seus distantes instrumentistas tocando a mesma peça. Essa era, pois, a “sociedade do espetáculo” de que falava Debord. Não uma sociedade dominada pelo mundo do espetáculo, ao qual, muitas vezes, se reduz o sentido da expressão, mas um mundo onde a vida se reduz ao visível: “Considerado segundo seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a *negação* visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível” (proposta 4 de “A sociedade do espetáculo”). Nunca tínhamos experimentado tanto um visível que não se opõe ao invisível, àquilo que não pode ser mostrado, mas ao palpável, à carne. Nunca experimentamos tanto o desejo de substituir o háptico²⁷ pela ótica.

“ Para alguns, o visível tornou-se, verdadeiramente, uma negação da vida. ”



²³ *Op. cit.* p. 185. (N.T.: “Like film, télévision (sic) needs to mediate digital media in order to survive”).

²⁴ N. T. “O vigésimo século”.

²⁵ N. T. Contração de *corona*, de coronavírus, com *apéro*, abreviatura, em francês, de *apéritif* ou aperitivo.

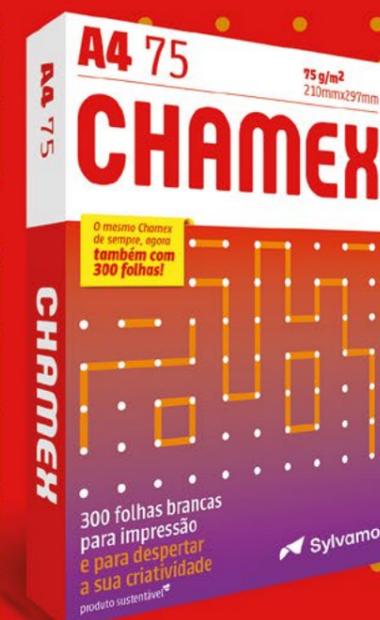
²⁶ N. T. Referindo-se, provavelmente, ao eixo verticalizado dos yy em um sistema de duas dimensões.

²⁷ N. T. Tátil.

A vida de quem ama papel ficou ainda mais fácil. Você já conhece o Chamex 300 folhas?

É o Chamex que você já conhece, agora também disponível em uma versão com **300 folhas (*)**. Toda tradição e qualidade que só a marca Chamex oferece em mais uma opção para o consumidor. Outra novidade é que a **caixa com 8 pacotes** permite maior facilidade na hora de carregar!

Seja com 300 ou 500 folhas, Chamex é a escolha certa! Desperte sua criatividade com Chamex.



O chamex que você conhece agora com **300 folhas.**



Caixa com **8 pacotes**, mais fácil de transportar.

(*)Disponível apenas para formato A4 75g/m² - Branco

Siga Chamex nas redes sociais ou acesse : papelchamex papelchamex chamex.com.br



A VIDA E SEUS MISTÉRIOS: A PANDEMIA E OS RITUAIS DE DESPEDIDA

Por Aroldo Escudeiro

Psicólogo, tanatólogo e professor universitário.

A vida consiste numa relação de perdas e ganhos, e em seu decorrer aprendemos a lidar com situações extremas e a continuar vivendo. Ao sofrer uma perda significativa, inicia-se o processo do luto, que irá ajudar o sujeito a transitar por ele e retomar a sua vida mais ou menos como vivia anteriormente à perda.

O sofrimento decorrente da perda de algo ou alguém significativo faz parte do afeto que existia entre o enlutado e o objeto perdido. É importante compreendermos que a dinâmica do luto acontece no tempo de cada um, não tem hora determinada para acabar. Para cada indivíduo, ele acontece de maneira distinta e pessoal, e cada um o ritualiza de acordo com a sua crença e a sua cultura.

Com a chegada da pandemia no início de 2020 e a crise sanitária instalada, as normas para os rituais de despedida do ente querido nos sepultamentos e velórios mudaram, e o processo do luto sofreu influência dessa mudança na ritualização. É relevante discutirmos o enlutamento dentro desse novo contexto, observando as influências decorrentes das novas normas sanitárias implantadas devido à Covid-19 para a proteção dos indivíduos.

A VIDA ATUAL NO PLANETA TERRA

Atualmente no planeta Terra, a vida da maioria da população tem sido muito mais difícil. Vários fatores contribuem para essa situação, além, é claro, da pandemia de Covid-19. Um deles é o econômico, pois nunca se observou tamanha desigualdade social entre as várias camadas da sociedade. A pandemia mostrou, de forma contundente, que somente os ricos e os remediados têm direito à saúde e, portanto, à vida. O que se sabe até este ano de 2022 é que a vacina contra o vírus mortal não está adequadamente disponível para os habitantes da África e de muitos dos países do terceiro mundo, ou sequer chegou a essa parte do mundo. A lógica econômica perversa diz para aqueles que não têm dinheiro que não há possibilidade de viverem sem o risco de contrair a doença.

Tal desigualdade parece, a princípio, prejudicar apenas os mais pobres, o que é um ledo engano. O planeta encolheu, existe uma interdependência entre os seus habitantes, as soluções da tecnologia e da internet unem a todos cada vez mais e na mesma intensidade, uma vez que, quando surgem os problemas, eles afetam o sistema como um todo. A lógica da exploração de um indivíduo por outro no campo econômico não se justifica, já que é significativamente discrepante em relação a um planeta tão rico em suas reservas naturais, abundante em sua agricultura e em outras tantas esferas de produção de bens e serviços que podem gerar bem-estar a todos os indivíduos. Assim, não há como aceitar um mundo que esteja tomado por tantas desigualdades.

Não enxergamos as fronteiras econômicas e sociais criadas por nós mesmos que poderão afetar a todos indiscriminadamente. E como disseram os dois primeiros homens a sair do planeta e avistar a Terra lá de cima, “olhando daqui, não enxergamos as fronteiras”. Seria necessário que todos os habitantes da Terra saíssem do planeta e olhassem a Terra de fora para ver que as fronteiras são desnecessárias? O planeta pede socorro e as mãos do homem que o degradam são as mesmas que se juntam e rezam pedindo a Deus que o ajude a prosperar.



“Subi a montanha para alcançar as estrelas, voltei invejando os cegos e surdos que encontrava no caminho.”

Omar Khayyám



A ATUAL CRISE SANITÁRIA E OS RITUAIS DE DESPEDIDA

Juntamente com a crise provocada pela agressividade do vírus para atacar todo o planeta, veio a crise sanitária. Esta se materializa nos milhares de casos e de mortes contabilizados no decorrer desses mais de dois anos de pandemia. Os hospitais não conseguem atender à demanda de casos que lotam as UTIs (Unidades de Terapia Intensiva) e unidades de saúde que transbordam de pessoas pedindo ajuda. E para agravar ainda mais o quadro de pandemia provocada pelo vírus mortal, a gestão da saúde se mostra ineficaz para lidar com tamanha crise.

Tal situação afeta diretamente os rituais de despedida, que são muito importantes para a elaboração da perda do ente falecido. Missas, cultos, velórios, enterros e reuniões familiares foram afetados pelo medo da contaminação e por uma questão de saúde pública.



Firth (*apud* BOWLBY, 1985, p. 132-133) indica funções importantes dos rituais que ajudam o enlutado a transitar pelo processo do luto, como despedir-se do morto através dos rituais, uma forma de encarar a perda, pois, a partir daquele momento, ele tem a certeza de que o ente querido não voltará mais. Outra função importante dos rituais é a possibilidade do enlutado de prantear o morto e receber o apoio da família e da comunidade a que pertence.

“Uma terceira função seria a troca de bens e serviços entre os pares, possibilitando a reestruturação dos papéis familiares e sociais.”

Com a mudança nas regras sobre os rituais de despedida e a proibição da realização de reuniões para velar o morto e enterrá-lo ou cremá-lo, há o impedimento de uma tarefa importante do luto, que é o enlutado se dar conta da realidade da perda e reconhecer que o ente não voltará mais. Isso provoca uma mudança na relação do enlutado com o seu processo e provoca alguns impactos psicológicos e emocionais, sendo o mais significativo deles a incerteza, por não ter visto o falecido dentro do caixão, como se a perda não se tivesse materializado, o que resulta em viver com essa ambiguidade. Outra reação comum nesse tipo de situação é o estresse gerado pela incerteza ou estimulado pelo imaginário do enlutado em relação ao que pode ter acontecido com o corpo morto do ente querido. Porém, teses à parte, o importante é ajudar o enlutado a processar o que está sentindo para aprender a lidar com a incerteza.

O LUTO COMO RESPOSTA PSICOLÓGICA

O luto não é uma doença, é o processo psicológico do qual o sujeito participa ativamente na sua condução, e com o apoio da rede social ele consegue enfrentar a perda de forma menos dolorosa. Logo, o enlutamento tem a função de restabelecer a homeostase psíquica e física do indivíduo. É uma dinâmica pessoal, mas atinge o meio social em que o indivíduo vive e se relaciona: família, amigos, colegas de trabalho e comunidade.

A presença da morte de forma mais ostensiva em todo o planeta devido à pandemia mostra um ser humano extremamente frágil diante da proximidade da morte e da possibilidade de contaminação pelo vírus da Covid-19. Nesse contexto, Escudeiro (2020, p. 19) reforça que:

O homem, apesar de toda a força intelectual, física ou estrutural e de todo o avanço científico e tecnológico que obteve nos últimos 50 anos, é ainda um animal muito frágil, demasiado frágil. Muitas são as situações e eventos que mostram ao mesmo tempo sua força e sua fragilidade, embora ele se sinta poderoso. Por vezes, a vida lhe nega essa condição de poder e mostra o quanto ele está engando.



É muito importante trabalhar a dor e o sofrimento pela perda logo após o acontecimento e não postergar o contato com esses sentimentos, pois sabe-se que um luto não trabalhado pode ser ativado numa situação de perda no futuro. Parkes (*apud* WORDEN, 2013, p. 24) ressalta essa ideia e afirma: “se é necessário ao enlutado passar pelo sofrimento do luto para ter a resolução deste, qualquer coisa que continuamente permita que a pessoa evite ou suprima a dor pode prolongar o curso do luto”.

As pessoas que sofrem uma perda significativa frequentemente apresentam reações semelhantes, sendo a tristeza o sentimento mais comum, o que não consiste em apenas chorar, há várias maneiras de expressar essa emoção. A raiva também pode fazer parte desse processo, raiva de tudo o que lembre a morte do outro, como o hospital onde ela ocorreu ou outro lugar que esteja ligado ao acontecimento. Alguns podem chegar a sentir raiva do morto. A culpa por algo que o enlutado pensa ter negligenciado ou evitado em seus cuidados com o ente é parte do luto normal. A ansiedade presente no processamento da perda de alguém é por medo de não poder se cuidar sozinho, além da morte pessoal, pois a do outro nos remete à nossa própria morte e pode desencadear fobias, se não for cuidada. Não menos importante nessa fase é o sentimento de solidão que leva à insegurança, como por exemplo, no caso da perda do parceiro se o casal mora sozinho e sem família próxima.

“O processo do luto gera fadiga e indisposição para as atividades cotidianas, sendo importante verificar se essa fadiga pode indicar um sinal de depressão se instalando.”

A morte de um ente querido provoca a sensação de desamparo, condição básica do ser humano exacerbada após a perda. O alívio após a morte de uma pessoa querida também pode se apresentar, tendo o sentido de fim do sofrimento do ente com doença incurável e o fim da impotência por não ter podido fazer nada para evitar a sua morte.

No campo somático, algumas sensações são comuns à maioria dos enlutados, como vazio no estômago, aperto no peito, hipersensibilidade a barulhos, falta de ar, fraqueza muscular, falta de energia. Tudo isso pode estar ligado ao sofrimento da perda.

No campo cognitivo, a descrença é uma forma de defesa usada para minimizar a dor da perda, descrença na morte, principalmente quando ela ocorre de forma súbita. A preocupação que se instala de forma intrusiva na mente atormentada pode-se transformar em pensamentos obsessivos, com a ilusão de que é possível recuperar o ente morto. A sensação de presença é parte da vontade de recuperar aquele que morreu, sendo comum nas viúvas ou viúvos que sentem a presença do morto, escutam sua voz chamando ou o sentem por perto. Outra preocupação com os sentimentos do enlutado são as alucinações auditivas e visuais, que são normais no início do luto, mas desaparecem paulatinamente. Caso persistam, deve-se procurar ajuda profissional.

Alguns comportamentos podem estar associados ao enlutamento, sendo comuns os distúrbios do sono, distúrbios de apetite, isolamento social, evitação de lembranças, procurar ou chamar pelo morto, hiperatividade e principalmente o choro, forma mais aparente de demonstrar o sofrimento pela perda.

O processamento do luto também é determinado por algumas variáveis. Parkes (1988) lista algumas delas: a forma do relacionamento anteriormente à perda, o grau de parentesco, o tipo de apego, ambivalência afetiva, morte prematura, perdas múltiplas, morte violenta e alguns tipos de perdas que levam à desautorização do luto, como o suicídio, a separação, o aborto e a perda de animais de estimação.

Worden (2013) descreve algumas tarefas que o enlutado deve contemplar no transcurso de seu luto. A primeira delas é aceitar a realidade da perda, o que não significa simplesmente se conformar, já que não queremos renunciar àquilo que nos faz bem, mas entender que o ente não voltará mais é de grande valia para o processo.

Não há como prosseguir no desenvolvimento do luto sem trabalhar a dor da perda e, por isso, esta é a segunda tarefa, segundo o autor. Essa dor pode se apresentar de várias maneiras e é própria de cada um, o importante é não fugir dela, pois o enfrentamento irá ajudar na elaboração da perda.

É muito difícil para o enlutado viver sem a companhia do ente querido que se foi, portanto, a adaptação ao espaço onde vivia com o falecido é parte da terceira tarefa do luto indicada por Worden (2013). Contudo, apesar da dor, a vida chama, e o enlutado deve dar espaço para outras relações de afeto; não se permitir amar novamente seria o impedimento para a conclusão de seu luto. Um indicativo de que esse segue de forma normal é quando o indivíduo consegue lidar com esses afetos de forma a retomar suas atividades cotidianas paulatinamente, até o momento em que se sente livre para dar continuidade à sua vida.

POR FIM...

Para seguir no processo de luto de forma saudável, é preciso entrar em contato com o sofrimento gerado pela perda. Apesar da crise sanitária gerada pela pandemia e das inúmeras dificuldades econômicas, sociais e de gestão dessa crise, de modo geral, os enlutados conseguem se recuperar com a ajuda de familiares, amigos, do apoio religioso ou de profissionais especializados em lidar com as situações de perdas e uma rede de apoio social sólida e atenta. São todos elementos fundamentais para ajudá-los a transitar pelo luto de maneira saudável.

Considerando a experiência clínica e a literatura, constata-se que para grande parte dos enlutados há uma luz no final do túnel, mesmo que possa haver muita dor e sofrimento nesse caminho que nos façam acreditar que essa dor nunca vai passar. A maioria consegue a ressignificação da perda, e como sabemos que em todo processo há começo, meio e fim, o luto segue nessa mesma direção, pois a vida pede passagem e uma força maior nos impele a viver apesar das pedras no meio do caminho.

RESSIGNIFICAÇÃO DA PERDA E ELABORAÇÃO DO LUTO

A dor da perda é indizível, incalculável, incomensurável, sendo o luto devidamente elaborado o caminho para a ressignificação dessa perda. O enlutamento é regido pela incerteza, pois é algo que deve acontecer, não havendo garantia de tempo e de como ele irá se apresentar.

O luto é um processo necessário de ser vivido para quem sofre uma perda significativa. Não importa o que se tenha perdido, pessoas ou coisas; se há significação nesse objeto perdido, há luto, que é vivenciado em forma de sofrimento.

Escudeiro (2022, p. 24)

A ressignificação da perda é muito importante para o enlutado e para o desenvolvimento de um luto saudável. A pessoa que sofreu a perda precisa aprender a viver sem a outra e reconstruir seu mundo interior e exterior sem contar com a ajuda que tinha anteriormente.

É importante que o enlutado retome a vida em sua totalidade como anteriormente à perda. Um sinal positivo é quando o indivíduo não suprime as emoções decorrentes da perda e enfrenta o processo de maneira a não eliminar os sentimentos que se apresentam. Fugir da dor é mais fácil, mas purgá-la é a saída mais plausível para que o enlutado reaja e siga adiante com a sua vida.



REFERÊNCIAS

- BOWLBY, J. **Perda: tristeza e depressão** (Vol. 3 da trilogia Apego e Perda). São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ESCUDEIRO, A. (org). **Fragilidade humana**. Blumenau, SC: 3 de Maio, 2020.
- ESCUDEIRO, A. **O vazio da perda e da morte**. Fortaleza: Saber Viver, 2022.
- PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1988.
- WORDEN, J. W. **Terapia no luto e na perda: um manual para profissionais da saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.



EXCERTO DA OBRA "O THEATRUM MUNDI PÓS-MODERNO:
O JOGO DA VIDA, A VIDA COMO JOGO"



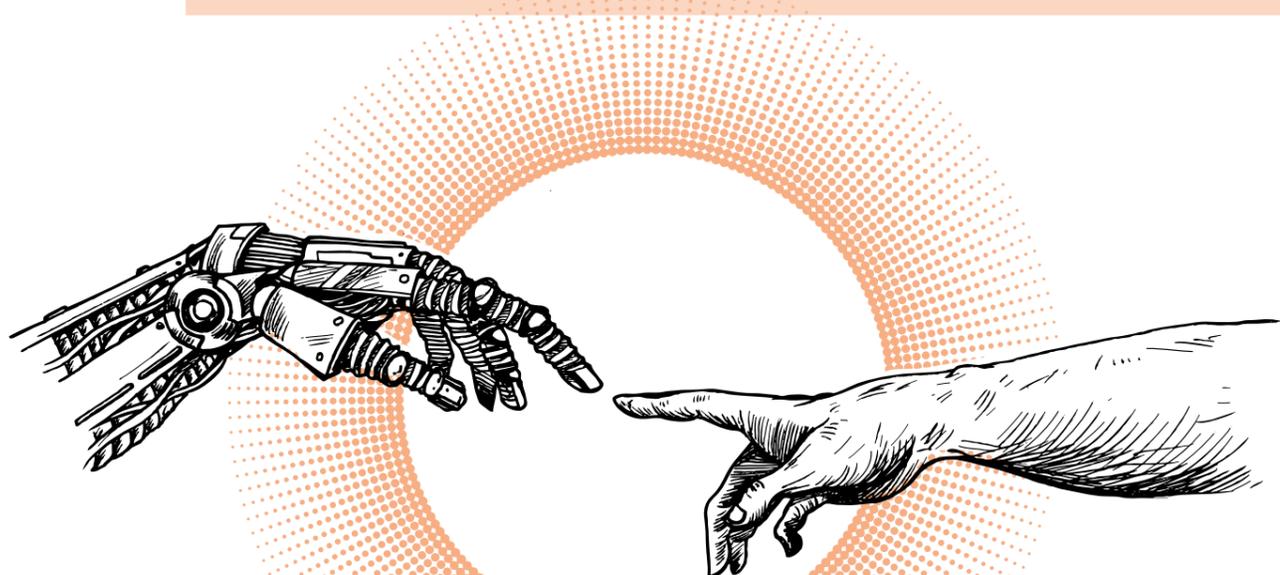
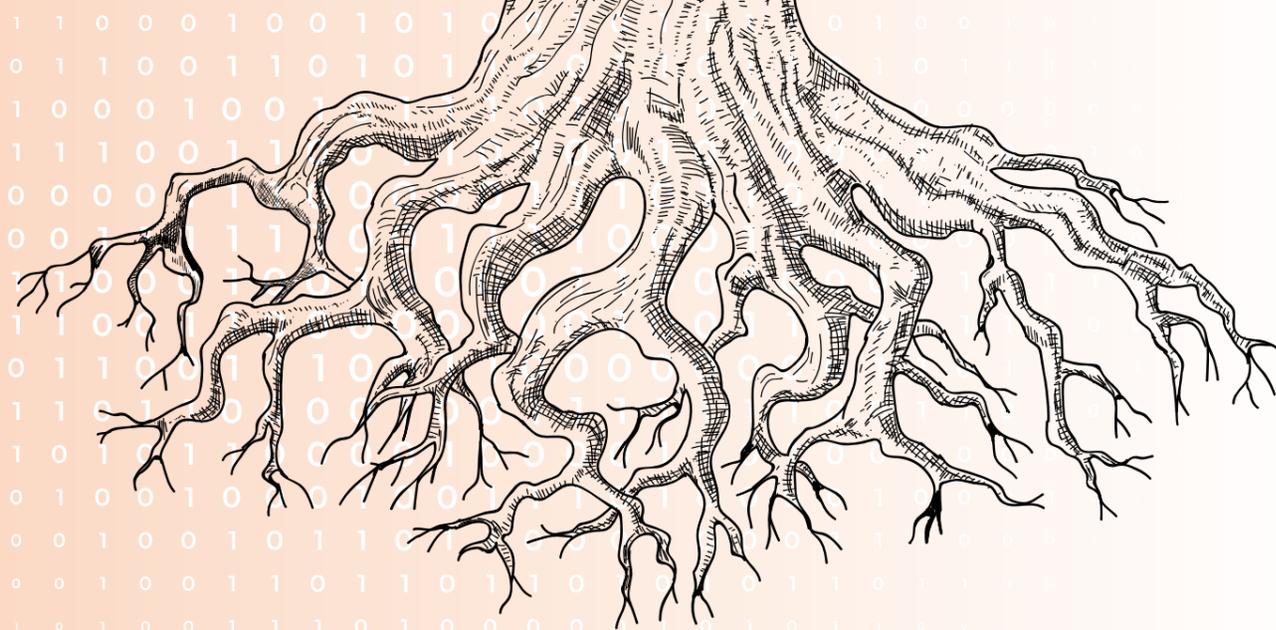
ACESSE O LIVRO
GRATUITAMENTE



Arquivo .pdf:
Id. Institucional PUCPR



eBook Kindle:
Amazon.com.br



NET-ATIVISMO: DO MITO TRADICIONAL À CIBERCULTURA PÓS-MODERNA

Por Michel Maffesoli

Sociólogo francês, professor emérito da Sorbonne Université.

O *ritmo da vida* só pode ser compreendido a partir de um ponto fixo, da fonte na origem de todo escoamento²⁸. Banalidade que é importante lembrar e que constitui uma daquelas raras e irrefutáveis leis constitutivas das sociedades humanas. Mas, como toda banalidade, só podemos percebê-las (sic) quando se terá desobstruído o que foi, progressivamente, registrado pelo conformismo geral, aquele da *opinião* teórica. A desconstrução fenomenológica – “voltar às coisas mesmas” - tem um preço: é preciso remover o feio reboco, as ideias sobrepostas, que mascaram a beleza da arquitetura *societal*, “esqueleto absoluto”²⁹, a partir do qual se elaborou a vida comum.

Para o que nos concerne aqui, o elemento adicionado à ordem das coisas é a pretensão – de obediência ocidental-moderna – à hegemonia da consciência individual. O “eu penso” cartesiano, como sendo a fórmula catequética mais conhecida. O individualismo epistemológico, o *nec plus ultra*³⁰ teórico. E o subjetivismo é o que, através dele, vai se compreender o mundo e organizar a sociedade. Esse é o problema essencial da mudança de paradigma em curso: situamo-nos diferentemente em relação ao mundo, em relação aos outros. Mas, para tomar emprestada uma metáfora da física, exis-

te, hoje, uma “histerese”, como que um retardo na evolução do conhecimento em relação ao Real do qual isso depende. O conhecimento, aquele da benevolência reinante, continua acreditando (e fazendo crer) que uma ideia criou e domina o mundo. Ela é, por essência, construtivista. Paranoia usual, achando que todas as coisas são construídas e que se pode dominar o ambiente natural e social.

O Real, quanto a isso, nos faz lembrar que a ordem das coisas precede o conhecimento. Que existe um “dado” de que não se pode dominar em sua totalidade. O que leva a abandonar o primado da consciência. Ou até a primazia do homem. O que faz recordar a sabedoria “ecosófica” da interação, da complementaridade, da correspondência entre todos os elementos do “dado” mundano. É por isso que é necessário escavar, profundamente, as galerias, a fim de perceber os arquétipos latentes que servem de fundações, raízes, a todo estar-junto. Identificar esses arquétipos e encontrar um ponto de Arquimedes que permita interpretá-los. É na junção dessas duas inquietudes que o pensamento radical poderá aprender o que, a ele, se dá na experiência, pessoal e coletiva, afirmando-se, com força inegável, nos múltiplos fenômenos contemporâneos.

²⁸ Poderia ser “fluxo”, também, mas quis ser mais literal. Maffesoli usa “*é-coule-ment*” (“*couler*” é escoar). E minha opção passa, também, por ser uma referência à ideia-chave no pensamento de Maffesoli, que é a do tempo espiralado, sempre *em torno de* (daí a palavra “entorno”, “o” entorno, igualmente possível) e para frente (o sentido histórico, “epocal”, cf. Heidegger, um autor dos dele, Maffesoli). “Escoamento”, ainda, em relação à metáfora da “bacia semântica”, em Gilbert Durand, um dinamismo – para simplificar aqui – do Imaginário (cx. alta).

²⁹ Cf. Maffesoli, “Esqueleto absoluto”: fundamento e base para a organização ulterior (subsequente). Exemplo dos “resíduos” (o que está inscrito na natureza humana, constância. N.T.) em V. Pareto. “Resíduo”, para Maffesoli, tem relação com uma ideia sem explicação aparente, que emerge de um senso comum, incompreensível pela lógica racional ou da simples via da razão. Daí a “imagem” de uma “arquitetura *societal*”, e se trata mesmo de “*societal*”, e não “social”, como Maffesoli já explicou antes. Ou seja, “*societal* por advir de uma organicidade própria dos agrupamentos humanos que o “social”, simplesmente, por ser construído (“constructo”), não “respeita”. Vilfredo Pareto (1848-1923), que é italiano, mas nasceu em Paris, foi publicado no Brasil, nos anos 1980, na série “Os economistas”, da Nova Cultural. Mais sobre ele, em “As etapas do pensamento sociológico”, de R. Aron, também traduzido para o português, pela Martins Fontes.

³⁰ N. T. Locução latina que se refere àquilo que é impossível de ultrapassar. *Nec* é advérbio de negação em latim. *Plus* significa maior, melhor, mais. *Ultra*, também em latim, é “além de...”. Cf. Dicionário Latim-português, de Ernesto Faria (MEC, RJ, 1955).

O arquétipo, reavivando o inconsciente coletivo, que se percebe em ação na publicidade, nos vídeos, nos videogames, mas também nos *chats*, nos fóruns de discussão, em uma palavra, no “novo mundo” da Internet, não é, de forma alguma, irreduzível aos conteúdos intelectuais. Coloca em cena emoções de todos os tipos. Aciona as virtualidades e os dinamismos que o são nada menos do que individuais. O arquétipo é a expressão de um imaginário coletivo, ou seja, de um clima que torna o Eu pessoal tributário do “em si mesmo” geral, em que a interação de que se fala é o elemento principal do viver-junto.

Se houver um retardo (“histerese”) no conhecimento, é bem aí que ele repousa. Ao contrário do que se fundara na modernidade, os símbolos coletivos, estes, aparecem com antecedência. E só podemos compreender as diversas “histerias” que atravessam o corpo social se tivermos isso em mente. Histerias esportivas, agrupamentos musicais, fanatismos religiosos, levantes políticos imprevisíveis, mimetismos tribais variados só são compreensíveis caso se saiba desconstruir a benevolência habitual e detectar o retorno de uma ordem das coisas “arcaica”. Talvez o que Baudelaire definia como o gênio: “A infância, claramente, formulada!” Trata-se, aqui, do coração pulsante da cidade contemporânea.

Com efeito, esta é uma boa ilustração, ao mesmo tempo, de uma constante do espírito humano e de numerosos fenômenos contemporâneos que não deixam de ilustrá-lo. A constante é o mito do *Puer aeternus* que, em certas épocas, sublinha a revivência, a juventude da ordem das coisas. E é fácil ver em que e como esse mito encontra, em nossos dias, novo vigor. Por isso se diz e se repete a eterna infância do mundo. A importância dos mitos, a fascinação pela mitologia, a celebração dos deuses e das deusas (do estádio, da música, da televisão etc.) o comprovam.

“ Não se pode mais reduzir o Real a uma realidade racional. O irreal restaura uma abertura pujante na organização do viver-junto. ”

É precisamente isso que não pode ser compreendido por espíritos apressados, com pensamentos curtos, querendo ir, acima de tudo, direto ao ponto. Nestes momentos em que os mitos encontram uma força atrativa, é preciso algum tempo de reflexão; saber perambular em torno de um pensamento central. É assim que se abordam, na melhor das hipóteses, a complexidade e a inteireza das coisas. É assim que se compreende a gravidade em curso dos contos e das lendas sobre os quais não se podem mais negar a insolência e a juvenil vitalidade. Certamente, poderíamos considerar isso como uma subcultura sem consistência, mas o fato é que o sucesso de Harry Potter, do Senhor dos Anéis e da saga *Star Wars* ou dessas buscas do Graal pós-modernas, existem como pistas, das mais claras, da saturação pela obsessão de uma História final e segura dela mesma. De uma História que, tal como a marcha “royale” de um Progresso inelutável, partiu de um ponto obscuro da barbárie para chegar à luz brilhante de um futuro radioso.



O que sublinha o retorno do mito, aquele - sempre e de novo - presente na infância da humanidade, é a surpreendente permanência dos arcaísmos fundamentais da condição humana. O campo magnético da mitologia continua a imantar muitos sonhos, desejos e fantasmagorias diversas. Em suma, na espiral das histórias humanas, a tradição e a atualidade conjugam-se harmoniosamente. E a imagem dos cavaleiros da Idade Média empunhando, com destreza, um raio laser é bem o sinal da progressividade pós-moderna. As discussões sobre as redes da Internet, os agrupamentos urbanos provocados pelos vários “flashmobs”, as manifestações espontâneas são como tantas expressões do “net-ativismo” contemporâneo cujas consequências não podemos deixar de explorá-las³¹.

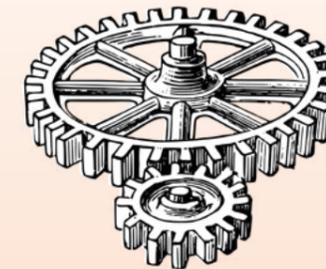
É nesse sentido que é preciso saber colocar em marcha a busca das coisas primitivas e dos sentimentos eternos; o que está, exatamente, no próprio cerne das temáticas do cotidiano e do imaginário social. Pois, assim como Bergson nos aponta, ao lado do conhecimento de que nos é familiar, esse, impelido pela razão, há o que ele chama uma “auréola da intuição”³², permitindo, justamente, apreender esse “irreal” do qual o Real é abundante.

Aprender, sem violentar, a vida em seu momento nascente; o solo da experiência originária. Todas essas coisas constitutivas desse fluxo fenomenal e manifesto na produção musical, na coreografia ou na dança contemporânea, no “*feast hell*” do “*black metal*” e em outros agrupamentos sazonais em que, para além dos diversos pretextos culturais, o essencial é bem o de “curtir” junto! É isso que é preciso, de uma maneira obstinada e difícil, dizer e repetir, pois, as verdades arquetípicas têm dificuldade em quebrar os preconceitos racionalistas que constituíam a ideologia moderna, e é necessário saber forçá-las, constantemente, nos cérebros petrificados dos nossos contemporâneos.

Pois não é, justamente, o fato de parecer, coletar, preservar, que constitui, também, a essência do “*legein*”³³? Este “logos”: racionalidade própria da constituição do social e do “verbo” graças ao qual se diz o ser no mundo³⁴?

“ Aprender, sem violentar, a vida em seu momento nascente; o solo da experiência originária. ”

Um racionalista estreito esquece a importância da colheita do que foi experimentado em continuidade de geração em geração. Daí a desvalorização das tradições ancestrais. Da mesma forma, esquece que não é, simplesmente, a partir de uma consciência individual, o “eu penso” moderno, que se pode compreender o ato de conservação, mesmo o de preservação; ou seja, daquilo que se colocou a salvo, e que é, em seu sentido estrito, toda cultura. Para tanto, é preciso alargar a consciência e lhe dar uma dimensão coletiva. Dimensão coletiva (o que chamo de “*socialidade* pós-moderna”), encontrando ajuda no desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, o espaço urbano é, cada vez mais, tributário da “contaminação” cibernética. Portanto, só se pode fazer um prognóstico em função de um diagnóstico: prever a partir de um conhecimento enraizado; em referência ao que está, profundamente, ancorado nos espíritos e que sobrevive nos usos e costumes, o que Santo Tomás de Aquino chamou de “*habitus*” (S. Tomás, Ia-IIae, q. 49s) e que serve de cimento a todo estar-junto. Trata-se, nesse caso, de uma base arcaica que nos permite entender que há no Real não um *progressismo* indefinido, mas uma continuidade *progressiva*; o que é bem diferente. Nesse sentido, a mitologia é, precisamente, a expressão de um enraizamento dinâmico!

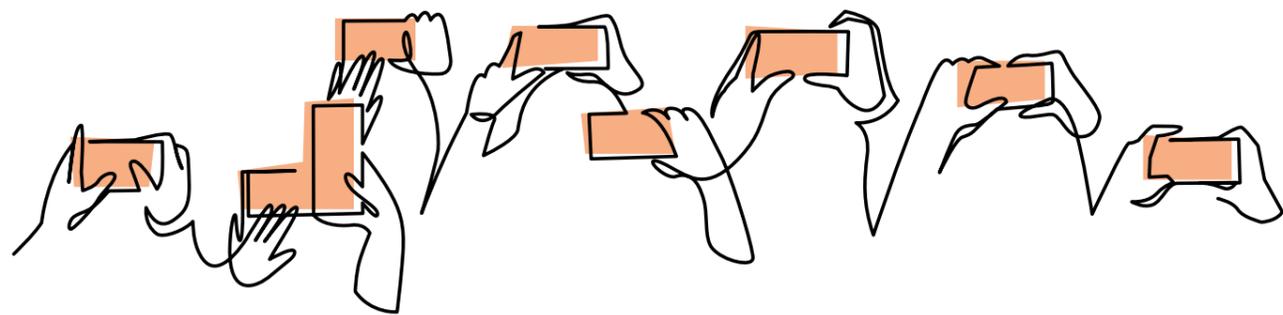


³¹ Redundância proposital com “consequências”, característica essa, a da redundância, própria da língua francesa.

³² Bergson, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris : Presses Universitaires de France, 1934, p. 267.

³³ N. T. *Legein*, derivado do grego, traduz, para Maffesoli, uma espécie de diálogo entre as diferentes épocas da humanidade, não só por meio de um conceito único ou específico.

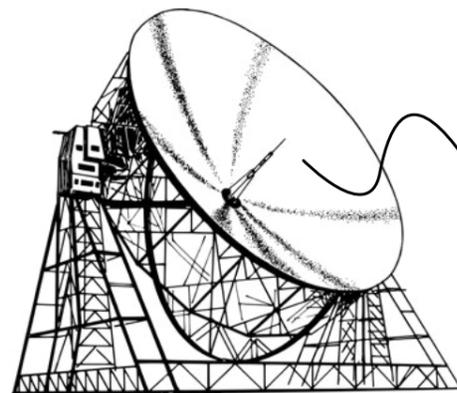
³⁴ No original, “[...] se dit notre être au monde”. Viés, claramente, heideggeriano, e, em sendo heideggeriano, o termo “apresentar” (apresentar-se ao mundo) também seria mais do que pertinente. E optei, ainda, por “no” e não “ao”, que também serviria, mas que soa um tanto metafísico, algo que, mesmo sendo um dado contra o qual não podemos lutar, é bastante questionado pela fenomenologia heideggeriana e criticado, na esteira do filósofo alemão, por Maffesoli.



Em sua análise da pintura de Vélasquez, *Las Meninas*, Michel Foucault apresenta, claramente, o jogo paradoxal da identidade na episteme pré-moderna³⁵. Na esteira de sua análise, eu diria que há um jogo paradoxal em que não se é o senhor de nossas ideias. Elas nos atormentam. E, no entanto, devemos pronunciá-las, mesmo que elas violem nossos próprios valores. Não se trata, pois, de concordar ou não (consigo mesmo, com os outros), basta reconhecer o que é. É o caso, contra a opinião pública e mesmo contra a “opinião erudita”, de falar além de si mesmo. De certa forma, ser o arauto da memória coletiva que, por si só, é uma voz que não pertence a ninguém em particular. Memória resultante da sedimentação dos séculos. Memória pertencente a todo povo, voz imemorial que, se soubermos ouvi-la e escutá-la, constitui a única via possível para uma serena harmonia *societal*. Diagnóstico-prognóstico: conhecimento através do tempo (“dia”), assegurando um conhecimento do que está por vir (“pro”). Para usar uma metáfora proposta pelo nosso querido amigo, o falecido Jean Baudrillard, há “viralidade” na comunicação interativa própria da mídia pós-moderna.

Os historiadores da Antiguidade pré-moderna puderam mostrar que a relação com os mitos era o que caracterizava o viver-junto grego; é dessa ou daquela interpretação da mitologia que se tem uma organização específica da cidade: por exemplo, a de Esparta, totalmente diversa da de Atenas.

Na mesma linha de raciocínio, a *arqueologia*, a do conhecimento radical, só pode observar como os mitos encontram inegável vigor na vida cotidiana. As jovens gerações, em particular, são tomadas pelo (re)novado mítico. Pode-se até falar, nas várias efervescências sociais, pontuando a vida cotidiana, de uma verdadeira *experiência mítica*, com forte carga religiosa, e que expressa um tipo de conhecimento inato da vida neste “mundo-aqui”. Tal retomada não deixa de levantar uma questão. Talvez seja até essa a própria questão primordial que deveria preocupar o observador social. Restauração do mito, portanto, e que, paradoxalmente, apoia-se na tecnocultura. Ao recordar sua eficácia *societal*, onde nada e ninguém está incólume. O chefe da empresa o sabe bem como é difícil aglutinar as energias de seus quadros. O mesmo se aplica ao político que não consegue mais mobilizar seus militantes ou simpatizantes a partir de um simples programa racional. E o que dizer do educador que vê o escárnio geral por uma cultura e uma maneira de aprendizado, singularmente, datadas? Sem esquecer os pais cuja angústia face às mudanças dos valores afetivos é muito tocante! Em tudo isso, e em muitos outros domínios também, é preciso reconhecer que os costumes se aperfeiçoam. Ainda assim, temos que aceitar e reconhecer que o “sentido das palavras também” (Guy Debord)³⁶, porém, mais ainda, a tecnologia!



“*Em tudo isso, e em muitos outros domínios também, é preciso reconhecer que os costumes se aperfeiçoam.*”



É assim que, ao contrário da dominação do conceito, esse “conceitualismo intelectual” de que falava Heidegger, o conhecimento mítico, é mais completo. Não pretende controlar, mas acompanhar, deixar ser, deixar ir o que está acontecendo. O espírito do tempo não se situa mais no controle total por um conceito dominante esclarecendo uma ação política, essa não menos dominante. E acabamos passando ao largo da mudança de paradigma em curso se preferirmos ver aí a resultante de uma ação orquestrada e premeditada de algumas minorias ou majorias ativas.

Escutemos aqui Chateaubriand, que soube observar com lucidez e descrever com pertinências, as revoluções que atingiram seu tempo: “Tomamos por conspiração o que é apenas o desconforto de todos, o produto do século, a luta da antiga sociedade com a nova, o combate da decrepitude das velhas instituições contra a energia das jovens gerações; enfim, a comparação que cada um faz do que é com o que poderia ser”³⁷. Acrescentando que essas “revoluções” são aceleradas pela *reversibilidade* própria da tecnologia específica do espaço urbano.

É certo que, através de sua música, na sua desenvoltura política, na sua liberdade dos costumes, sua cultura complexa e rica ao mesmo tempo, no seu claro materialismo e sua preocupação com as coisas do espírito, as jovens gerações pós-modernas integram, com a ajuda do desenvolvimento tecnológico, as antigas lições dos arquétipos primordiais. Estes últimos, em particular, encontram-se na exacerbação das paixões, na atmosfera emocional perceptível nesse forte ressurgimento do desejo, marcando todos os domínios da existência em sociedade.

Desejo de difusão erótica em que a propaganda, o consumo, a produção cinematográfica, o videogame, são os vetores. Há pornografia no ar. E, nesse caso, em seu sentido estrito: gosta-se de escrever, com complacência, assuntos obscenos da nossa condição humana. Como foi o caso de outros períodos históricos, colocamos esses temas em destaque. Acontece o mesmo com o poder, cuja carga erótica é bastante evidente. Seria preciso analisar, igualmente, se as turbulências financeiras, aquelas induzidas pela paixão dos “traders”, não comportam, elas também, alguma coisa que tem a ver com o objeto do desejo.

O pano de fundo arquetípico está também em ação nos momentos em que se vê retornar, sob todas as suas formas, esse sincretismo. De modo profundo, Gilbert Durand estabeleceu uma “mitologia”³⁸ (sic), mostrando, justamente, tudo o que o imaginário devia à comparação cultural, ao choque de mitos entre eles e à sua fecundação recíproca³⁹. É bem alguma coisa dessa ordem que se exprime nos “produtos do século”. Livros, Wikipédia, Facebook, Twitter etc. colocam em jogo um contínuo sincretismo cujos arquétipos essenciais são fáceis de perceber: aqueles dos contos de fadas; dos mitos de amor e do desamor, das atrações e repulsões, constituindo, no longo prazo, o fundo comum das fantasmagorias de todas as culturas humanas.



³⁵ Cf. M. Foucault, « Les Mots et les choses », Gallimard, Paris, 1966, p. 19.

³⁶ Guy Debord (1931-1994), na verdade, refere-se, em « A sociedade do espetáculo » (publicado na França em 1967), livro do qual Maffesoli retirou essa frase, às ideias, e não aos costumes. Porém, o sentido se mantém: isto é, aceitar o diferencial tecnológico, no caso de Maffesoli.

³⁷ Chateaubriand, « Mémoires d'outre-tombe », Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1951, t. II, p. 342.

³⁸ Em outras palavras, a Metodologia dos Mitos (mitocrítica e mitoanálise, nas palavras de Durand). Por isso, “mi” de “mito” + todologia e não “me” (de “método”).

³⁹ Cf. G. Durand, « Introduction à la mythologie », Albin Michel, Paris, 1996 ; cf. igualmente seu livro principal, « Les Structures anthropologiques de l'imaginaire » (1960), Bordas, Paris, 1969.

Basta fazermos uma anatomia comparada de todos esses “produtos” para localizar temas idênticos. Alguns analistas junguianos da psicologia das profundezas, como Marie-Louise von Franz, mostraram o que há de similaridade nas retranscrições dos contos populares que se podem encontrar em Görres, Max Müller ou nos irmãos Grimm. Como, além disso, esses mitos nos permitem reaprender, coletivamente, as razões de viver⁴⁰. Eis aí o que deveria interessar aos formadores de opinião de todos os calibres, sejam eles políticos, educadores ou empresários. Eles puderam ver, assim, no que a compreensão dos arquétipos ancestrais, o retorno às jovens gerações de mitos muito antigos, poderia ajudá-los para dinamizar sua ação na esfera pública ou na economia!

E isso é tão verdade que, a toda hora, os heróis de lendas estão, inegavelmente, enraizados na vida cotidiana. Comparamos dos seus vários acontecimentos: alegrias e infortúnios. O que, logo depois, condensa-se, cristaliza-se para se tornarem arquétipos. No final das contas, não se trata, apenas, de caricaturas da vida diária. Apenas se contentam em carregar nos traços e acentuar suas características. Assim, estando-se atentos aos mitos paroxísticos das cenas musicais, esportivas, cibernéticas, podemos ver o corpo social em sua totalidade. São, precisamente, essas as lições de anatomia comparada das quais eu falei. Essas “lições” permitem ver como a cidade pós-moderna é incompreensível se não compreendermos que os estereótipos da vida cotidiana se enraízam, profundamente, nos arquétipos antropológicos. E mais: com a ajuda dessa cibercultura!

Para bem entender a lição dos mitos e o retorno dos arquétipos na vida cotidiana, é preciso, para além da paranoia conceitual, reconhecer que toda imagem visível de uma determinada cultura se enraíza, profundamente, em um substrato invisível. E que deve, periodicamente, recarregar suas baterias. É bem essa ‘recarga’ que está em jogo nos nossos dias. Relembrando, assim, que os temas mitológicos arquetípicos constituem esses “pensamentos elementares” da humanidade dos quais é preciso reconhecer sua riqueza e que motivava Claude Lévi-Strauss a dizer que os homens “sempre pensaram tão bem”⁴¹.

Daí a necessidade de saber identificar, nos vários fenômenos contemporâneos, essas imagens elementares, essas emoções de base, essas fantasias imemoriais, constituindo a pedra de fundação sobre a qual se elabora o viver-junto. Às vezes, esquecemos essas estruturas antropológicas. Há momentos em que elas renascem, recuperando força e vigor, e, a partir daí, fortalecem a dinâmica social, causa e efeito da energia popular.

Pode parecer paradoxal falar de um renascimento dos mitos fundadores ou de um mergulho nas profundezas de arquétipos primordiais, justo numa época em que uma cultura tecnológica tende a contaminar o conjunto da vida cotidiana. Mas as mentes boas não deixaram de notar que, cada vez que um novo ciclo começa, os fenômenos paradoxais tendem a prevalecer. A pós-modernidade não está isenta de tal tendência que vê, de uma maneira paroxística, a *coincidentia oppositorum*, a concordância dos opostos, que são o desenvolvimento tecnológico e a referência nostálgica aos mitos ancestrais.

“Talvez seja até a figura retórica do oximoro (isto e seu contrário) que nos permite compreender uma série de fenômenos contemporâneos.”

Lembrança dos bons velhos tempos, valorização do patrimônio artístico, cultural, arquitetônico, celebração das primeiras artes⁴², retorno da moda étnica, aceleração do comércio ético indo de par com a sensibilidade ecológica: o natural, o original estão na ordem do dia. Trata-se, em todos os domínios, de celebrar o *orgânico*. Ou seja, a organicidade ligando cada indivíduo a sua própria tribo e ao território que lhe serve de suporte. Eis aí, diferentemente da cidade moderna, o que é a megalópole pós-moderna!

As redes sociais, os sites comunitários promovem essa interação e suscitam uma contaminação cujos efeitos mal começam a ser medidos⁴³. Este é, com efeito, o paradoxo atual que vê os valores da tradição se multiplicarem graças à velocidade da cultura cibernética. É bem o caso de um novo imaginário que está em via de (re)criar o desenvolvimento tecnológico. Ou seja, a revitalização do viver-junto com seus mitos antigos. Para permanecer na figura do oximoro, trata-se, com efeito, de um verdadeiro *enraizamento dinâmico*. E é, justamente, porque há tal enraizamento que é necessário ajustar a reflexão àquilo que é. Que à imagem do que está em jogo na vida social, verdadeira questão *societal*, o pensamento encontra, ele também, real “organicidade”. É nesse sentido, aliás, que, ultrapassando a atitude crítica habitual – que foi a marca da modernidade –, ele, o pensamento, (re)torna *radicalmente*: sabe redescobrir e “falar” as raízes do estar-junto.



É, de fato, uma questão importante, permitindo-lhe fugir, por um lado, desse negativismo ‘do espírito do contra’, e, de outro, da estigmatização daquilo que é em nome do que *deveria* ser, disso que gostaríamos que ela fosse. Regozijar-se com a crítica da “miséria do tempo” é a forma moderna do *taedium vitae* de origem cristã, culminando nas teorias da emancipação promovidas pelo século XIX. Com efeito, é preciso partir das circunstâncias, mas não mergulhar numa sociologia de circunstância!



Para evitar essa armadilha, a referência à mitologia é um verdadeiro desfile de opções. Mais precisamente, por lembrar que só há crescimento a partir e graças às raízes, elementos primordiais do dado no mundano. Pode-se ver isso pela observação de Hannah Arendt, lembrando que a tempestade provocada pelo pensamento radical – e ela toma como exemplo Platão ou Heidegger –, vem do fato de que esse pensamento não tem sua origem no século, mas que vem de um tempo imemorial. Tal pensamento permite realizar-se porque, justamente, retorna ao imemorial⁴⁴. Não seria melhor dizer o que, em certos momentos, vai esclarecer o presente em função do passado. Esclarecimento que é uma garantia do futuro. É o que podemos chamar de “conquista do presente”, tornando a vida cotidiana o elemento essencial da cultura; o que, a partir daí, podemos entender a persistência do viver-junto. Este é o “presenteísmo” enraizado: a vida cotidiana, a importância da banalidade, da proximidade, e, portanto, o solo fértil, o bom terreno, permitindo que haja um crescimento *societal*. Mas, como acabo de mostrar, o paradoxo é só aparente, pois, para crescer, é preciso ter as raízes, e é bem isso que se está em via de (re)descobrir. Trata-se mesmo do coração pulsante da *socialidade* pós-moderna, da qual vemos os múltiplos exemplos em sites comunitários, na Internet, e que, *stricto sensu*, “atualizam” o que é essencial: o que torna *atual* os antigos arquétipos!

⁴⁰ Cf. M.-L. von Franz, « L'Interprétation des contes de fées », La Fontaine de Pierre, Paris, 1980, pp. 15-16, 33, 81.

⁴¹ Cf. Maffesoli, frase-chave do pensamento do antropólogo, natural de Bruxelas (Bélgica), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), segundo o qual os homens sempre pensaram bem, não importa a época. Essa frase de Lévi-Strauss compara, na verdade, o pensamento civilizado ao pensamento selvagem, em “*La pensée sauvage*”, livro de sua autoria, publicado no início dos anos 1960, também traduzido para o português. Trata-se de uma forma de horizontalidade estruturo-cognoscente, talvez, entre aquelas duas vertentes, digamos: a dita civilizada e a dita selvagem. Colocá-las no mesmo plano de importância gerou grande polêmica no espaço acadêmico por contrariar um modo de pensar – dicotômico – do nosso imaginário ocidental, imaginário que foi tema dos estudos do falecido antropólogo Gilbert Durand (1921-2012) e do qual Maffesoli recupera a citação aqui desdobrada.

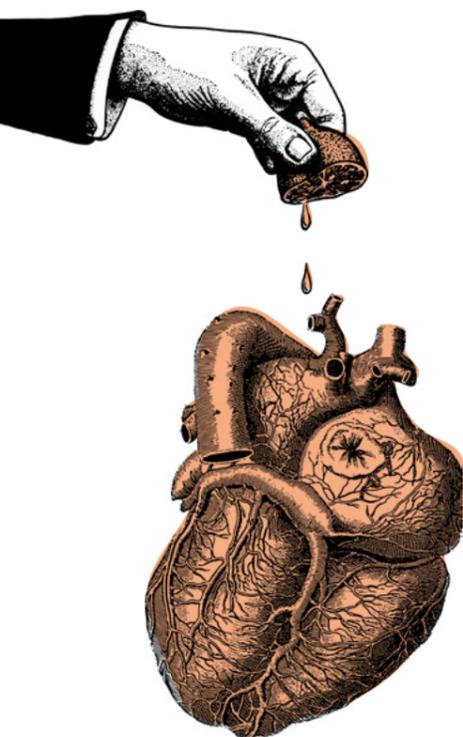
⁴² N. T. Maffesoli, aqui, se refere a um saber incorporado ao homem, desde suas origens ancestrais. Para além de um conceito em História da Arte, o uso dessa expressão, em Maffesoli, remete a uma arte derivada do viés mitológico para além do historiográfico.

⁴³ Descrição de tal fenômeno por Stéphane Hugon, Circumnavigation. “L'imaginaire du voyage dans Internet », CNRS Éditions, Paris, 2011, et Fabio La Rocca, La ville dans tous ses états, CNRS Éditions, Paris, 2013.

⁴⁴ Cf. H. Arendt, « Vies politiques », Gallimard, Paris, 1974, p. 320. Remeto ao meu livro, M. Maffesoli, « La Conquête du présent » (1979), reed. in « Après la Modernité? », CNRS Éditions, Paris, 2008, p. 673 sq.

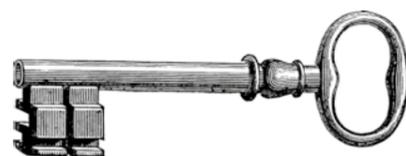
“*Proveniência é sempre futura.*”

Tal advertência, recorrente no trabalho de Martin Heidegger, é, particularmente, instrutiva se concordarmos com as características essenciais da cibercultura pós-moderna. Com certeza, não é fácil, depois de vários séculos de paranoia “intelectualista”, acreditando-se que é a partir do espírito que se cria o mundo natural e social. Mas *radicalizar* o pensamento consiste em reconhecer, claramente, que é ele apenas o eco dessa lenta e contínua sedimentação que chamamos de cultura⁴⁵. Ser o eco é, dessa forma, uma maneira de se enraizar na ordem das coisas. Isso permite evitar a pretensão subjetivista, fazendo do homem, avatar de Deus, um demiurgo todo-poderoso, o criador do mundo, *o mestre e possuidor da natureza!*



Ao contrário de um antropocentrismo do qual se começam a medir os efeitos – devastadores, diga-se de passagem –, o pensamento orgânico é exatamente aquilo que, por ser enraizado, permite compreender a correspondência fundamental entre os vários elementos do todo *societal*. A radicalidade de tal sensibilidade teórica nos arranca da mesmice filosófica. E, pensando assim, aceitamos o que ainda resta de não poluído na *socialidade* contemporânea. Rejuvenecer-se nesses espaços de liberdade, nessas utopias intersticiais, onde se aninha, cada vez mais, o viver-junto, e que constitui o que chamei de “*terreau*”⁴⁶, o lugar onde as raízes se reforçam. O “net-ativismo em rede”, os movimentos dos “indignados” (sic), as várias rebeliões inscrevem-se bem e são, completamente, reforçadas pelas “contaminações” eletrônicas que participam de um verdadeiro “reencantamento do mundo”!

É bem a vida *efetiva*, aquela de todos os dias, que nos leva a observar um ponto de saturação que a civilização moderna alcançou. Saturação essa que causa o efeito rebote daquilo que acabamos de discutir. Daí o processo de recorrência que se expressa, claro, de um ponto de vista teórico, mas igualmente nas práticas cotidianas do homem sem qualidade⁴⁷. Uma verdadeira *palingênese*⁴⁸ está em curso.

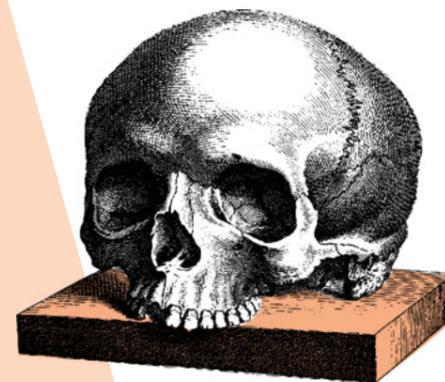


Nova gênese, na medida em que invadida o que foi o dogma moderno por excelência: o mundo se resume a sua materialidade. A “*palingênese*” ao insistir, por um lado, que o conhecimento do social (no que tem de simplesmente racional) só é possível com base na consideração do *societal* (com a carga emocional de que se sabe). “*Palingênese*”, lembrando, de outro lado, que essa ampliação do social em um *societal* mais complexo não permite mais considerar a economia como sendo a *ultima ratio* de toda vida em sociedade. Essa foi, de fato, a marca específica dos Tempos Modernos: reificar a materialidade econômica. E, assim como Deus era, nas religiões monoteístas, *causa sui*, causa de si mesmo e, pois, de tudo o que foi subsequente, o mesmo se aplica aos economistas devotos do “número”: tudo toma sua fonte e encontra seu fim no bem-estar material. Desse ponto de vista, poderíamos falar de uma “astroeconomia”, que não fica nada a dever da astrologia *stricto sensu*, naquilo que tanto uma como a outra prevê o que é bom para alcançar a felicidade.

“*A radicalidade do pensamento orgânico nos arranca da mesmice filosófica.*”

Certamente, isso tudo é enfeitado com legitimações e racionalizações, aparentemente mais sofisticadas. Porém, se soubermos decifrar os habituais truques dos prestidigitadores economistas e de seus associados políticos, é fácil perceber o simplismo da vulgata “burguesa”: a vida do espírito, a consciência social, o inconsciente coletivo, tudo isso é só o “reflexo” da materialidade das coisas, um novo deus cuja economia é o evangelho, ao passo que aqueles que o defendem são os profetas eleitos.

É isso o que, de muitas maneiras - e por todos os lados -, parece ser objeto de questionamento. As diversas “indignações”, revoltas, rebeliões e efervescências que pontuam a atualidade traduzem o fato (sem ser, necessariamente, consciente) de que o que alguns místicos chamam de “reino da quantidade” (R. Guénon) não é mais totalmente aceito. As gerações mais jovens não querem mais “perder tempo”. Em suma, o qualitativo, sob diversos aspectos, reencontra uma vitalidade surpreendente. O renascimento da religiosidade o testemunha. A importância dos fenômenos culturais é um indício inegável. Os fóruns de discussão filosófica e outros sites comunitários mostram, claramente, que a autonomia da vida do espírito é uma realidade incontornável.



O sociólogo americano P. Sorokin mostrou muito bem que, regularmente, na vida das sociedades, intervém um fenômeno de saturação. Assim, quando um consenso cultural predominantemente racionalista (“idealista”) atinge seu limite, observa-se uma alternância em sua antítese, e o consenso será, cada vez, mais emocional (“*sensate*”)⁴⁹. Este último pode assumir formas das mais diversas: do sentimentalismo, a choradeira num seriado televisivo, à benevolência em ONGs humanitárias, passando, como dissemos, pelas “indignações” de toda ordem: política, esportiva, musical ou, simplesmente, cotidianas.

É essa saturação paroxística que produz uma “inversão axiológica” ou alternância do eixo do conhecimento⁵⁰. Para o dizer com uma expressão usada na geometria: ponto de inflexão onde ocorre uma mudança de direção.

“*É bem a vida efetiva, aquela de todos os dias, que nos leva a observar um ponto de saturação que a civilização moderna alcançou.*”

No que tange a nós, o fim de uma monopolização epistêmica como, por exemplo, a do racionalismo, provocando um “efeito rebote”, a recorrência de fenômenos, de ideias, de interpretações que o progressismo moderno teve a ambição ou a pretensão de ultrapassar. Para dar uma imagem, ecoando em todos os campos: o *vintage* pós-moderno como nostalgia das raízes antropológicas. Trata-se, aqui, de uma verdadeira “lei da reversão”. O que alguns musicólogos chamam de “milagre da oitava”, pelo qual todo progresso para frente retorna, inevitavelmente, ao ponto de partida. Ou seja, àquilo que é fundamental: a oitava. Esse movimento que, a partir de um som da escala musical, faz progredir e chegar ao mesmo som, pode ser aplicado aos fenômenos sociais nos quais se expressa a nostalgia da origem. H. Corbin mostra que tal processo de iteração (sic), longe de ser simplesmente regressivo, é a expressão de uma espécie de automultiplicação⁵¹.



⁴⁵ Cf. M. Heidegger, « Acheminement vers la parole », Gallimard, Paris, 1976, p. 95, e « Grammaire et étymologie du mot être », Seuil, Paris, 2005, p. 10.

⁴⁶ N. T. No sentido de terreno, aquilo que é da terra.

⁴⁷ Referência, confirmada por Maffesoli, ao romance do escritor austríaco Robert Musil, já traduzido no Brasil, e que se intitula “O homem sem qualidades” (Ed. Nova Fronteira, 1989). Cf. Michel Maffesoli, em troca de e-mails: “Sem qualidade, mas muito importante. Fundação do povo ao qual pertence a verdadeira autoridade” (*omnis auctoritas a populo*, de São Tomás de Aquino).

⁴⁸ N. T. O que retorna à vida.

⁴⁹ P. Sorokin, “Social and cultural dynamics”, Porter Sargent Publisher, Boston, 1937.

⁵⁰ Cf. análise de G. Durand, « Science de l’homme et tradition », Sirac, Paris, 1975, p. 182 e « La Similitude hermétique et science de l’homme », Eranos 1973, Leiden, G. Briel, 1975, p. 510.

⁵¹ Cf. H. Corbin, « En Islam iranien », Gallimard, T1, Paris, 1971, pp. 145-146.

Tal “milagre da oitava” permite-me fazer uma distinção entre simples progresso, ideologia altamente teórica de um Progresso ilimitado, e “progressividade”, que, por sua vez, só visa o crescimento a partir das raízes ancoradas, distantemente, na tradição imemorial da humanidade⁵². Progressividade das coisas chamando atenção para esse “inatismo”⁵³, lembrando-nos da essência animal de nossa espécie. Obrigando-nos, igualmente, em admitir que um *real* invisível sustenta a *realidade* visível. Tudo o que fora bem desenvolvido na psicologia: “Gestalttheorie”, enfatizando a prevalência do todo; na etologia, quando localiza os *Urbilder*, imagens primordiais que o instinto animal integra espontaneamente; na antropologia, como Lévi-Strauss: “Os homens sempre pensaram tão bem”.

“O mundo de ontem, o dos tempos modernos, está desmoronando.”

Aí está o tripé da lógica *contraditória*, verdadeira *ratio hermetica* repousando em uma ambiguidade paradigmática, a multiplicidade antagonica e o paradoxo criador que é a pessoa pós-moderna - que não se reconhece mais em um indivíduo, uno e indivisível -, específico da era pós-moderna⁵⁴. Estamos longe do “homem unidimensional”⁵⁵ que foi a causa e o efeito da modernidade em seu momento inicial, e que levou a essa devastação de espíritos peculiares à solidão gregária que era a especificidade das megalópoles contemporâneas.

Ao contrário disso, o que sub-repticiamente está surgindo é bem um homem plural, com “múltiplas identificações”⁵⁶, tendo, poder-se-ia dizer, o dom da ubiquidade. Ele é isso e aquilo, ele está aqui e ali. Ubiquidade podendo ser vivida em sonho, ser objeto de fantasias e fantasmagorias, mas, não menos importante, em sua virtualidade real. É essa correlação entre a arte, o sonho e o desenvolvimento tecnológico que requer um novo “discurso do método”⁵⁷, mostrando em que as múltiplas potencialidades se atualizam no cotidiano. Realizem-se, isto é, materializem-se em relacionamentos, encontros, efervescências cotidianas. Tornam-se eficazes na indignação, no humor ou nas diversas revoltas. Tudo o que os observadores sociais são obrigados a levar, cada vez mais, mais em conta.

O mundo de ontem, o dos tempos modernos, está desmoronando. E isso se dá aos golpes, de acordo com momentos discretos ou explosivos, de uma vida um tanto demoníaca. Retorno de Dionísio, portador de uma sabedoria demoníaca que não deixa de irritar ou surpreender os partidários de instituições ou do saber estabelecido. Subversão pós-moderna que é causa e efeito da dissolução do sujeito nas entidades tribais. Subversão menos política do que *societal*, na qual privilegia o nomadismo existencial - isso que Dilthey, protagonista de uma filosofia de vida, chamou de “fluidização” de tudo o que estava fixo.

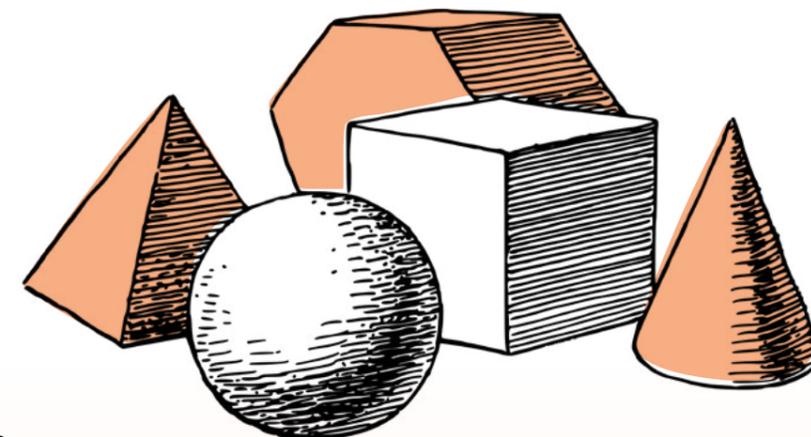
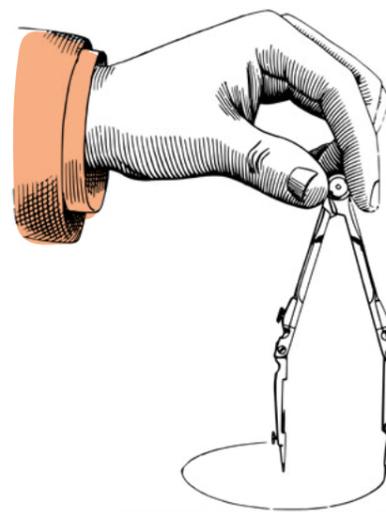
Entendido como expressão da totalidade do ser, o Real é o lugar da reserva, o “refúgio” no qual a realidade vai se revitalizar: é o seu aspecto oculto. De fato, muitas vezes esquecemos que existe uma constante *dialogia* entre o esotérico e o exotérico, o oculto e o aparente. Foi assim que, nos séculos XVIII e XIX, por exemplo, o “publicista” só tem legitimidade em referência ao erudito detentor do conhecimento. Da mesma forma, na Idade Média, foi o erudito que legitimou o pregador. Na cultura antiga, o retórico se refere, consistentemente, ao filósofo. E, em um pequeno trabalho, bastante esclarecedor, Max Weber mostra ao mesmo tempo a diferença e a complementaridade entre o “cientista e o político”⁵⁸.

Poderíamos multiplicar os exemplos nesse sentido, e em todas as culturas. De fato, é a conjunção, fecunda, do bom senso e da correta razão que, para além e aquém das teorias construídas e *construtivistas*, faz repousar a solidez do viver-junto no que é dado, inato, quase instintivo. As constituições políticas, as instituições sociais, as elaborações filosóficas têm a fragilidade e a inconstância de uma ‘tira de palha’⁵⁹ se não forem garantidas nesse fundamento irrefutável. Desse ponto de vista, e levando em conta o tipo de “possessão” que esses objetos exercem sobre aqueles que deveriam possuí-los, pode-se falar de um retorno à “magificação” do mundo, que foi a característica essencial do dado pré-moderno e que se manifesta, novamente, nos modos de vida pós-modernos. O objeto fictício torna-se, mais uma vez, o elemento de um vitalismo cósmico do qual todos participam.

Ao contrário do que os sociólogos têm por hábito chamar de “sociabilidade” - e que é o modo civilizado, domesticado e curializado de viver em relação ao Outro - a “socialidade” é muito mais complexa; ela coloca em jogo a inteireza do Ser, sua parte de sombra, sua crueldade na fronteira com a benevolência esclarecida. A sociabilidade é a expressão do contrato social de essência racional. A *socialidade* vive-se, pouco a pouco, no pacto *societal*, predominantemente emocional. A sociabilidade projeta-se no futuro. A *socialidade*, quanto a ela, vive-se no presente.

É, pois, essa *socialidade* presenteísta que tenta traduzir, na ambiência pós-moderna, o que é, para além das representações teóricas, o vivido original. Reminiscências perduram na experiência da vida banal, na multiplicidade de fenômenos instintivos, todas as coisas que se manifestam nas histerias coletivas, os ajuntamentos emocionais e as múltiplas expressões do clima social. E isso em qualquer campo que seja: político, esportivo, religioso, cultural. As mobilizações na Internet ou nas redes sociais ilustram à vontade a amplitude de tal “sintonia”, na qual todos são contaminados por opiniões (*doxa*) nem um pouco racionais. É isso que caracteriza a atmosfera mental da megalópole pós-moderna.

Ambiência não-racional, que se manifesta mesmo nas diferentes tribos da *intelligentsia* (científicas, políticas, jornalísticas), na qual a capacidade de pensar por si mesma, aquela do livre espírito ou da crítica, dá lugar a reflexos síncronos fazendo com que escrevam, ajam, pensem menos em termos de uma razão racional do que o que “dá na veneta”, dos contágios coletivos, tudo isso atuando menos com o cérebro do que o ventre, outra forma de dizer histeria!



REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *Vies politiques*. Paris : Gallimard, 1974.
- BERGSON, H. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris : Presses universitaires de France, 1934.
- CHATEAUBRIAND. *Mémoires d'outre-tombe*. Paris : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1951.
- CORBIN, H. *En Islam iranien*. Paris : Gallimard, 1971.
- DURAND, G. *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire* (1960). Paris : Bordas, 1969.
- DURAND, G. *La Similitude hermétique et science de l'homme*. Eranos (1973) : Leiden, G. Briel, 1975.
- DURAND, G. *Science de l'homme et tradition*. Paris : Tête de feuilles, 1975.
- DURAND, G. *Introduction à la mythodologie*. Paris : Albin Michel, 1996.
- FOUCAUKT, M. *Les Mots et les choses*. Paris : Gallimard, 1966.
- HEIDEGGER, M. *Acheminement vers la parole*. Paris : Gallimard, 1976.
- HEIDEGGER, M. *Grammaire et étymologie du mot être*. Paris : Seuil, 2005.
- HUGON, S. *Circumnavigation: L'imaginaire du voyage dans Internet*. Paris : CNRS Éditions, 2011.
- LA ROCCA, F. *La ville dans tous ses états*. Paris : CNRS Éditions, 2013.
- MAFFESOLI, M. *La Conquête du présent* (1979). Paris : rééd. in *Après la Modernité ?* CNRS Éditions, 2008.
- MAFFESOLI, M. *Au creux des apparences: Pour une éthique de l'esthétique* (1990). Paris : rééd. La Table Ronde, 2007.
- MAFFESOLI, M. *Matrimonium*. Petit traité d'écophilosophie. Paris : CNRS Éditions, 2009.
- MARCUSE, H. *L'homme unidimensionnel* (1964). Paris : Éditions de Minuit, 1968.
- SOROKIN, P. *Social and cultural dynamics*. Boston : Porter Sargent Publisher, 1937.
- VON FRANZ, M.-L.. *L'Interprétation des contes de fées*. Paris : La Fontaine de Pierre, 1980.
- WEBER, M. *Le savant et le politique*. Paris : Plon, 1959.

⁵² Cf. M. Maffesoli, « Matrimonium. Petit traité d'écophilosophie », CNRS Éditions, Paris, 2009.

⁵³ No sentido de “inato” (do francês, “inné”). Maffesoli, no texto original, utiliza “innéisme”.

⁵⁴ Cf. G. Durand, « Science de l'homme et tradition », Tête de feuilles, Paris, 1975, p. 219 e p. 189. 14.

⁵⁵ Cf. H. Marcuse, « L'homme unidimensionnel » (1964), Éditions de Minuit, Paris, 1968.

⁵⁶ Cf. meu livro « Au creux des apparences, pour une éthique de l'esthétique » (1990), reedição. La Table Ronde, Paris, 2007.

⁵⁷ N. T. Referência ao clássico do filósofo francês René Descartes, “Discurso do método” (1637).

⁵⁸ Cf. M. Weber, « Le savant et le politique », Plon, Paris, 1959.

⁵⁹ N. T. No original, “fêtu de paille”, ou seja, leve, frágil como “fibra de palha”. Para Maffesoli, com efeito, aquilo que é sem consistência e voa ao vento.



EXCERTO DA OBRA
“O PROJETO EDUCATIVO
DE FRANCISCO”



ACESSE O LIVRO GRATUITAMENTE

Arquivo .pdf:
Id. Institucional PUCPR



EDUCAR PARA RECOMPOR O PACTO EDUCATIVO

Discurso do Papa Francisco aos participantes do encontro mundial dos diretores de “*Scholas Occurrentes*”.

Sala do Sínodo, Quinta-feira, 4 de setembro de 2014.



Sinto-me como uma pessoa à qual disseram: “Diga algo”. E então diz: “Bem, vou improvisar”. E fala o que tinha preparado.

São os pontos sobre os quais mais ou menos queria falar, aos quais acrescento o que vi aqui.

Em primeiro lugar, obrigado. A sua presença aqui é algo raro. Já disse ao Presidente da Pontifícia Academia, D. Sánchez Sorondo, que está criando movimento. É algo raro para a atividade, o trabalho, a intensidade, as pessoas que vão e voltam, para a criatividade do protocolo... no contexto deste III Dia da Rede Mundial de *Scholas Occurrentes*. Então, a ideia é o encontro.

Aquela cultura do encontro, que é o desafio. Hoje ninguém duvida mais que o mundo esteja em guerra. E ninguém duvida, naturalmente, que o mundo esteja em desacordo. Portanto, é necessário propor de qualquer forma uma cultura do encontro.

Uma cultura da integração, do encontro, das pontes. Concordam? E este trabalho são vocês que estão fazendo. Agradeço à Pontifícia Academia das Ciências e ao D. Marcelo Sánchez Sorondo ter tornado isso possível. Muitas pessoas participaram. Já sei que estes dois quando se unem constituem um perigo. Eles movem tudo. Mas recordo um provérbio africano: “Para educar um filho é necessária uma aldeia”. Para educar uma pessoa é preciso tudo isto.

Não podemos deixar os jovens sozinhos, por favor! Já faz parte da nossa linguagem falar de “meninos de rua”. “Os meninos de rua”, como se uma criança pudesse estar sozinha, excluída de tudo que é contexto cultural, de tudo que é contexto familiar.

“*Sim, existem a família, a escola, a cultura, mas a criança está sozinha. Por quê? Porque o pacto educativo foi quebrado.*”

Uma vez, na quarta série, faltei respeito à professora e ela mandou chamar a minha mãe. Ela chegou, eu fiquei na sala, a professora saiu. Depois me chamaram, e a minha mãe, muito tranquila – eu temia o pior – me disse: “tu fizeste isto, isso e aquilo? Disseste isto à professora?” “Sim” respondi. “Peça-lhe desculpas”. E obrigou-me a pedir-lhe desculpas à sua frente. Eu estava feliz. Tinha sido fácil. Porém, houve o segundo ato, quando cheguei em casa! Hoje em dia, pelo menos em muitas escolas do meu país, uma professora escreve uma nota no caderno de um jovem e no dia seguinte o pai ou a mãe a denunciam. Quebrou-se o pacto educativo. Já não estão todos juntos para o jovem. E assim falamos também da sociedade. Ou seja, recompor o pacto educativo, recompor aquela aldeia para educar as crianças. Não podemos deixá-las sozinhas, não podemos deixá-las pelas ruas, sem tutela, à mercê do mundo, no qual prevalece o culto do dinheiro, da violência e do descartável. Insisto muito sobre este tema, mas é evidente que se impôs a cultura do descartável. O que não serve joga-se fora. Descartam-se os jovens porque não os educamos ou não queremos educá-los. As taxas de natalidade de algumas nações desenvolvidas são assustadoras. Descartam-se os idosos – e recordai -vos daquilo que eu disse sobre as crianças e os idosos no futuro – porque se impôs este sistema de eutanásia escondida. Ou seja, as obras sociais garantem até a um certo ponto, depois podes até morrer.

Descartam os jovens, os idosos e agora existe um novo descarte, uma geração inteira de jovens sem trabalho nos países desenvolvidos. Fala-se de 75 milhões de jovens nos países desenvolvidos, com menos de 25 anos, sem trabalho. Descarta-se uma geração de jovens. Tudo isto obriga-nos a sair, a não deixar os jovens sozinhos, pelo menos isso. É este o nosso trabalho.

“*As crianças e os idosos são certamente as pessoas mais vulneráveis nesta cultura em que predomina o descartável, mas também os jovens.*”

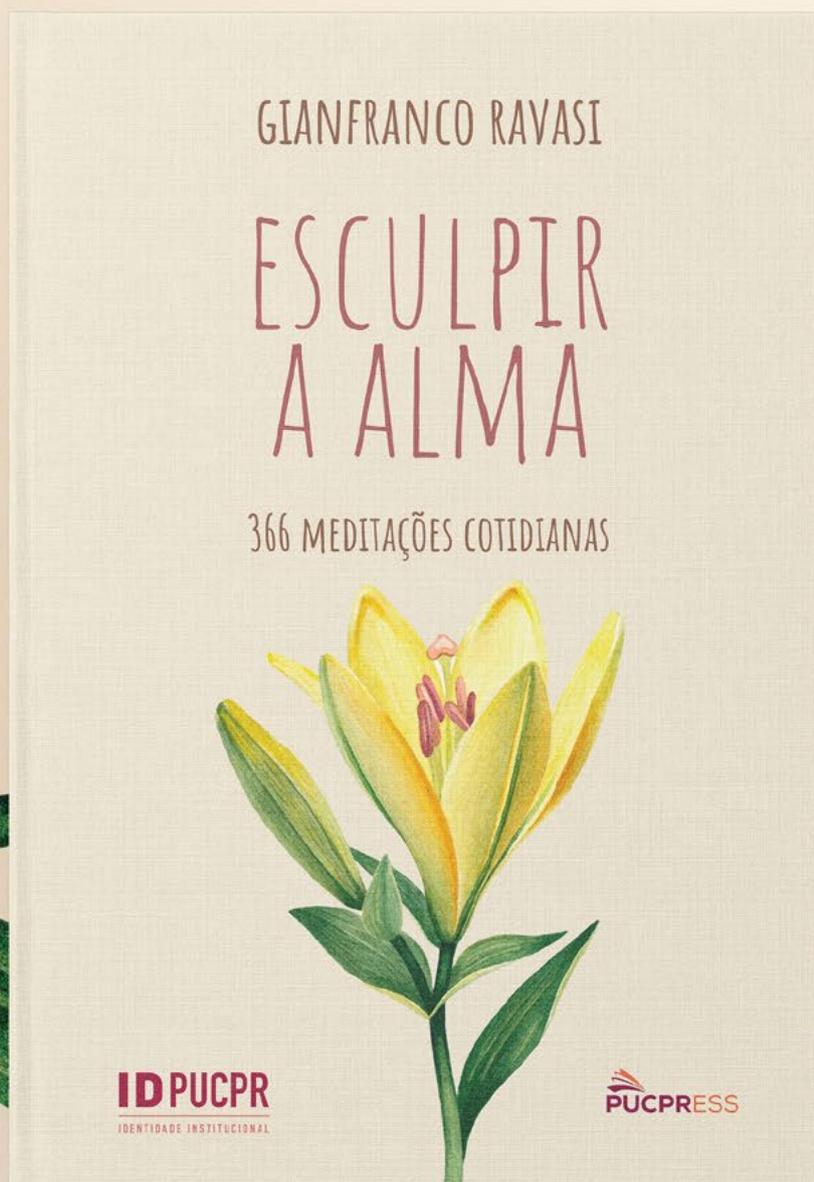
Eles também foram atingidos, para manter um sistema onde no centro já não está a pessoa humana, mas o dinheiro. Para este fim, é muito importante fortalecer os laços: vínculos sociais, familiares e pessoais. Todos, mas sobretudo as crianças e os jovens, precisam de um contexto adequado, de um habitat realmente humano, onde se verifiquem as condições para o seu desenvolvimento pessoal harmonioso e para a sua inserção no habitat maior da sociedade. Portanto, é muito importante o compromisso para criar uma “rede” ampla e laços fortes realmente

humanos, que apoie as crianças, que abra de forma serena e confiante à realidade, que seja um autêntico lugar de encontro, em que o verdadeiro, o bom e o belo possam encontrar uma justa harmonia. Se a criança não possuir tudo isso, fica-lhe só o caminho da delinquência e das dependências. Encorajo-vos a continuar trabalhando para criar esta aldeia humana, cada vez mais humana, que ofereça às crianças um presente de paz e um futuro de esperança.

Vejo em vocês, neste momento, o rosto dos numerosos meninos e jovens que guardo no coração, porque sei que são material de descarte, e pelos quais vale a pena trabalhar incansavelmente.

Obrigado por aquilo que fazem a favor desta iniciativa, onde também os vínculos entre vocês devem prevalecer para não dar origem a lutas internas: “não, isso é meu”, “aqui eu que ponho as mãos”, “este é o meu setor”. Não, não. Isso significa que criarei vínculos de unidade se eu for capaz de sustentá-los no âmbito de uma iniciativa em que cada um renuncie à vontade de comandar e faça crescer a vontade de servir. Peço-lhes que rezeis por mim, porque preciso. E que Deus lhes abençoe.

lançamento de publicação



“Meditar é pôr fermento não só nos gestos, mas também no pensamento. Aqui, proponho pinceladas rápidas, não para satisfazer a preguiça intelectual, agora tão difundida, mas sim para convidar a uma análise profunda, despertando a curiosidade e o desejo de voltar à fonte integral.”

Cardeal Ravasi

Acesse a versão digital gratuitamente:



ID PUCPR
IDENTIDADE INSTITUCIONAL

PUCPRESS